

Mascaras africanas (Coleção de Milí, Babalawo cubano)



Aniversário de iniciação na Santería em Havana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando escolhemos como tema de pesquisa o estudo comparativo entre a Santería e o Candomblé, estávamos cientes de que a História Social de Cuba e do Brasil eram diferentes. Basta conhecer um pouco sobre os processos sociais ou os estágios de atuação política pelo qual cada País transitou até chegar a sua etapa republicana, para conjecturar sobre seu desempenho de atuação na arena sociopolítica. Daí que, seguindo o rumo ou acompanhando os acontecimentos socioeconômicos e político-sociais da primeira metade do século XX, observamos a separação de seus percursos na segunda metade desse século, que definidos e determinados pela distância sociopolítica em ambas as sociedades, que se reconhecem nas diferenças e mantêm relações de cooperação e intercâmbios sócio-culturais.

No entanto, aguçando o olhar nessa ótica social, especificando-o na trajetória de diferentes grupos, observamos também que uma parte das populações cubana e brasileira transitou por caminhos semelhantes, reagindo com respostas culturais similares diante de determinados acontecimentos, inclusive guardando como tesouro a sabedoria de uma cultura ancestral, negra africana, que moldou estereótipos sociais contrários “à cultura, à moral e aos bons costumes cristãos” da elite do poder. Essa sabedoria formou expressões religiosas que atuaram e consagraram uma trajetória cultural de ambos os países em estudo como culturas de resistência, que resistiram aos processos de “aculturação” que nessas sociedades a elite branca tentou impor. Luta que, ainda que levada por rumos diferentes, levou-se a cabo na defesa dessa identidade cultural, que tinha como centro a conservação, a transmissão e o respeito social aos elementos religiosos africanos que ocupam o centro de suas expressões religiosas, o que não significou no decurso histórico uma desagregação sócio-cultural, senão uma luta pela integração plena como grupo social à sociedade em geral.

No fim do período colonial, essas formas culturais religiosas negro-africanas, mescladas entre elas primeiro, e em interação com a cultura religiosa dominante, deram como produto expressões religiosas distintas em Cuba como de “origem ou ascendência africana”, como designação antropológica que define seus múltiplos sentidos culturais e que em termos são conhecidas como Santería ou Palo. Tais expressões do sagrado mostravam-se como estrato sedimentado, que por derivação metafórica é algo que se torna firme e sólido. No Brasil, essas formas religiosas receberam o nome genérico de Candomblé. Centramos nossa atenção nas primeiras décadas do século XX, pois o problema da cidadania estava em jogo

devido à entrada de novos atores sociais em cena. A defesa da identidade cultural desse segmento populacional negro, que tinha formas concretas de manifestação contrárias às “oficialmente concebidas”, entrou em conflito com os interesses e posicionamentos sociais das elites no poder, que tinham herdado o pensamento e as práticas racistas dos colonialistas que os antecederam, desatando uma forte onda de violência e repressão sobre aqueles que defendiam formas culturais e religiosas alheias às oficialmente estabelecidas, como foi analisado comparativamente em ambas as realidades sociais em estudo, no segundo capítulo deste trabalho.

Difícil foi trabalhar comparativamente essas expressões religiosas no período de cinquenta anos. Cabe destacar que durante este período, no Brasil, em especial na época da Ditadura Militar, recrudesciu a repressão contra os movimentos sociais que estavam diversificados em tendências políticas. Alguns deles sob uma orientação marxista tinham uma posição contrária a toda manifestação religiosa, incluindo o Candomblé. No entanto, foi uma época também de influência das lutas dos negros norte-americanos que, de certa forma, renovou a consciência dos negros inseridos naqueles movimentos, revigorando no Brasil a cultura negra como herança africana, o que repercutiu diretamente dentro da religiosidade africana.

Apesar de a ditadura militar ter proibido as práticas e reuniões grupais, o Candomblé baiano ganhou um determinado espaço de “liberdade religiosa” durante a gestão do governo de Roberto Santos, que aprovou o Decreto 25.095, que revogava o alvará da polícia de Jogos de Costumes para os ofícios religiosos dos iniciados no Candomblé, dando margem para a instituição que os representava, a FENACAB, tomar as próprias iniciativas de regulamentação. Ainda que o estudo não tenha se aprofundado neste aspecto, podemos conjecturar que por trás dessa aparente deliberação do Governador do Estado beneficiando o Candomblé da Bahia, se escondiam interesses manipuladores para com um segmento da sociedade que não costumava em privilegiar os negros, que normalmente compunham as camadas sociais mais empobrecidas e integravam o povo-de-santo. Provavelmente o governo quis encontrar no povo-de-santo um aliado político, em momentos de forte repressão militar para com a sociedade em geral, tentando eximi-los de entrar nas lutas políticas, “cedendo” às pressões das Mães-de-santo. Essa afirmação não diminui a importância da luta do setor religioso feminino, a partir do momento em que a FENACAB começou a ter uma atuação mais ativa em defesa do Candomblé.

Em Cuba, apesar dos nobres ideais sociais que radicalizaram o processo revolucionário de 1959, como analisamos no capítulo terceiro, houve um confronto em nível institucional entre as Igrejas cristãs e o novo Estado recém instaurado, que ultrapassou o limite das instituições envolvidas para se situar como política de Estado, mediante a instauração de uma ideologia ateísta, excludente e dicotômica com os sentimentos e crenças religiosas das pessoas, que limitou e freou a participação política e social da população religiosa na vida pública.

Foi nesse patamar que os religiosos cubanos se dividiram. Alguns das camadas populares, beneficiados pelas medidas revolucionárias, renunciaram a seus credos para participar na construção da nova sociedade; outros começaram a desenvolver uma dupla pertença sócio-política e religiosa, conduzidos por certos princípios morais apregoados pela Revolução. Contudo, aqueles que realmente acreditavam no projeto da Revolução e não quiseram se desprender de sua fé religiosa, ainda que oficialmente negassem tê-la, a cultivavam de forma introspectiva. Atuação que agrupamentos musicais populares desenharam numa canção que o povo repete e canta: *“Hay gentes que dicen que no creen en ná y van a consultarse por la madrugá”*. Argumento que caracterizou o modo de vida adotado por determinados sujeitos que tiveram que assumir como *modus vivendi* o código da simulação, para lidar com aparência harmônica com certos desmanches da Revolução. Mas que não foi além do conflito pessoal para se situar no plano da oposição à Revolução nem em atos contra-revolucionários, como em algumas igrejas cristãs, como analisamos no interior no capítulo citado. Neste sentido afirmamos categoricamente que nem a Santería nem as outras expressões de ascendência africana foram ou são contrárias à Revolução.

Mas, como ficou demonstrado no trabalho, ainda que as diferenças sociopolíticas se impusessem em cada análise, procurando contextualizar situações concretas de Cuba e do Brasil, a problemática sociocultural os assemelhava e o objetivo do trabalho foi conjugar as análises dos dois países sem perder o centro de atenção: o estudo comparativo de suas expressões religiosas de matriz africana, constituindo essa a sua novidade. Isto é, buscou-se contextualizar a Santería, principalmente na capital de Cuba, Havana, a partir de suas características marcantes, e compará-la ao Candomblé, principalmente o nagô-ketu soteropolitano, tanto na arena religiosa quanto na político-social, sem perder de vista suas estruturas organizativas religiosas.

Em tal sentido, lançou-se luz sobre as diferentes atuações na conquista de espaços sociais religiosos em defesa de uma identidade cultural, tanto em Cuba quanto no Brasil,

impondo-se sempre a luta de resistência cultural em defesa da identidade religiosa santera e candomblecista na sociedade circundante. Diferentemente de Cuba, no Brasil se destacou o nível organizativo do Candomblé nessa luta identitária, efetivada, em especial, nos congressos que a cidade de Salvador protagonizou na década de 1930, no II Congresso Afro-Brasileiro e mais recentemente na década de 1980, o II Congresso Mundial Iorubá e Cultura.

Temas de importância nesses congressos foram: no que ocorreu 1937, a conservação da pureza iorubá na ritualística religiosa do Candomblé, que conseqüentemente deveria levar a um reconhecimento doutrinal. Também a urgente necessidade de união como estratégia de enfrentamento. No Congresso de 1983, de caráter internacional, dois temas de importância estiveram no centro da atenção: um deles, que a imprensa baiana quase nem prestou atenção, foi a mundialização da cultura Iorubá, como cultura espalhada pelo mundo a partir da Nigéria, que foi adquirindo caráter universal pela sua difusão nos diversos continentes, à força do êxodo forçado que implicou o comércio negreiro nos séculos de escravidão, e que conseguiu se manter viva, devido à resistência cultural de seus portadores. De fato, recentemente, em 2007, o corpo literário de Ifá, usado pelos Babalawos, foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio imaterial. Voltando ao Congresso, o outro assunto de importância tratado nesse evento que a imprensa baiana converteu em objeto de debate, foi o relacionado com o reconhecimento do Candomblé como religião.

Na época a imprensa se auto-proclamou como mediadora de um conflito, filho da intolerância religiosa e do não reconhecimento da liberdade de culto. Porém, o sentido de pertença dos iniciados no Candomblé tinha provado no âmbito social que resistia a embates e pressões. Os cultos formavam parte da ritualística, da doutrina e da ética religiosa, porque estas expressões tinham se formado como religião muito tempo atrás, e sua forma de organização em terreiros não interferia no núcleo teológico central que reviviam em cada iniciação, como analisamos no quinto capítulo. Por isso as Mães-de-santo se manifestaram com toda força proclamando o reconhecimento oficial do Candomblé como religião, procurando o mais absoluto respeito em todos os sentidos. O Manifesto foi emitido em julho de 1983, depois de finalizado o fórum mundial da cultura e tradições iorubá antes mencionado, ratificado e argumentado ainda mais no dia 12 do agosto, quando os debates da imprensa geraram reações diversas. Mas o que queremos ressaltar é a potência da força das vozes femininas, uma vez mais, na defesa da identidade cultural que significava ter uma iniciação no Candomblé.

Ainda que em Cuba eventos desse porte não tivessem acontecido até 1992, data que

marcou o início do Primeiro Congresso Internacional Yoruba de Cuba, celebrado em Havana, patrocinado pelo grupo que organizou logo a Asociación Cultural Yoruba, reconhecida como associação religiosa somente em 2007, o espaço social desta expressão religiosa esteve marcado nos agrupamentos formados como famílias, que encontraram nas suas estruturas simbólicas o *continuum* das tradições africanas.

Em honra à fidelidade histórica e à religiosidade de ascendência africana, em geral, em Cuba nunca houve a preocupação de se organizar um bloco representativo. Essa religiosidade, como a vida simples de seus iniciados, reproduziu representações religiosas que marcaram a sobrevivência das culturas africanas amalgamadas e misturadas em seu novo ambiente social, mostrando um caráter genuinamente de resistência, em todos os sentidos. O caráter de sobrevivência radicava em relações religiosas e sociais que o próprio ritual impôs nas atividades. Elemento simbólico que predominou em seu núcleo, convertendo-o em chave para entender o mundo que se evoca a partir das concepções culturais africanas, em que os iniciados se situam em posições transcendentais como os orixás. Situação similar acontece no Brasil, portanto ponto de convergências que assemelha ambas as formas religiosas em estudo.

Essa concepção teológica de ver, avaliar e ordenar o mundo em correspondência com as características mitológicas do orixá consagrado, como analisamos no decorrer do trabalho, fundamenta o núcleo teológico central e a ética religiosa que caracteriza os iniciados na Santería e no Candomblé. Daí as dificuldades que tiveram para serem aceitos como religião, não só no meio religioso, mas também por parte da população, já que esses códigos religiosos não apareceram registrados em documentos escritos, como a tradição eurocêntrica impôs, pelo aparente fundamento histórico que adquiriam, quando através dos textos escritos o fiel se perdia no labirinto das origens para se reencontrar com seus fundadores: Jesus Cristo, Alah ou Maomé.

Nas formas religiosas africanas ressignificadas tanto em Cuba quanto no Brasil, os elementos teológicos e doutrinários foram transmitidos oralmente através da mitologia que deu fundamento à existência de tais princípios e concepções religiosas, conservadas e possuídas simbolicamente por cada iniciado no axé, em vínculo simbólico com o orixá de cabeça, que é revivido, cuidado, alimentado e festejado em cada cerimônia cultural. Por isso, todos seus atributos religiosos os identificam com seus orixás e são usados por eles, no momento adequado, para atrair a ajuda das forças protetoras ancestrais e expulsar as maléficas.

Por outro lado, a chave para o êxito dos agentes religiosos, líderes e dirigentes das atividades rituais consistiu o segredo daqueles atos litúrgicos e ensinamentos religiosos

apreendidos ou transmitidos no cotidiano e na convivência religiosa com os velhos conhecedores. Característica comum encontrada em ambas as realidades. Significa que em cada atividade cultural, litúrgica ou ritualística se reproduziram, e ainda hoje se reproduzem, de preferência, as formas de transmissão oral nessas religiões, onde o sigilo e a colaboração da comunidade com os grupos religiosos formam parte do alcance e reconhecimento social obtido por estas expressões religiosas até hoje, sobretudo no Brasil, onde os terreiros aos poucos estão se convertendo em centros de assistência social comunitária para amparar socialmente a população carente, nas zonas periféricas da cidade, onde se situam.

Outro aspecto a destacar nesta parte final do trabalho se relaciona com o sistema de representações religiosas. Se partirmos da conceitualização do termo identidade religiosa, compreendendo-o como construção sócio-histórica e cultural que cria padrões de inclusão e exclusão, encontramos tanto na Santería quanto no Candomblé o lugar que abarca o sistema de representações religiosas como produtor de símbolos culturais, criados e recriados pelos iniciados para legitimar seu *status* sócio-cultural.

Na aparente equiparação entre santo e orixá se cotejava e se adotava uma terminologia católica a partir de uma perspectiva social, enquanto categoria que auxiliava na denominação dos orixás, entrando em cena um jogo de identidades religiosas que, em processo de aceitação social, segundo a etimologia da palavra, considerava que se se adorava um santo ou se se consagrava a ele o indivíduo se convertia em “santero”, como aconteceu com a denominação da Regla Ocha – Santería – em Cuba.

Afirmamos que, acima de tudo, o que se procurou tanto em Cuba quanto no Brasil, nessa aparente aceitação dos nomes das deidades, foi equiparar ao mesmo nível as divindades religiosas africanas com as católicas, procurando assim exprimir o grau de importância das deidades. No seio da prática, na expressão mais privada da convenção religiosa, como demonstramos com os discursos dos entrevistados, a exemplo de Mãe Elisa e Cao, as deidades africanas nunca perderam sua identificação com sua cultura de base, porque, apesar das imposições sócio-culturais, os africanos conseguiram amalgamar e conservar suas religiões, aspecto que os unia e os fazia compartilhar essas identidades coletivas. Por isso até hoje aos orixás se lhes dá de comer, de beber, se lhes toca tambor, se lhes canta e se lhes dança, à usança africana ou como supostamente deveria acontecer na África.

Por último queremos destacar como significantes vários aspectos que aproximam ainda mais a Santería e o Candomblé nas diferenças que existem entre ambos, como formas religiosas concretas; como expressões de identidade cultural que marcam um *continuum* nas

tradições africanas com elementos da modernidade; e como culturas de resistência vinculadas e inseridas em seus respectivos espaços sócio-culturais. Entre eles assinalamos:

- Princípio iniciático dividido em três tempos;
- Terreiros e casas-templos como espaços sagrados onde se marca o *continuum* das tradições religiosas, utilizados também como espaços de sociabilidade;
- A família religiosa como núcleo central e reservatório das tradições, que marca o princípio senhorial;
- A existência de uma mitologia sobre os orixás como fundamentação teológica que marca os elementos doutrinários existentes na Santería e no Candomblé, na ritualística e na ética religiosa dos iniciados;
- Vínculo homem-natureza-sociedade como uma concepção filosófica da vida que estabelece a ponte Mãe-Terra, Mãe-Povo, ressignificada nas funções dos orixás, em especial de Ossain, deidade da floresta;
- Música, cantos, danças como elementos que se complementam na ritualística e fundamentam o vínculo com o sagrado;

Neste trabalho foram realçadas principalmente, de forma comparativa, as ações desenvolvidas por estes sujeitos sociais em benefício de sua religiosidade, independente da repressão, da pouca ou nenhuma compreensão por parte da população em geral, sobretudo da parcela vinculada a outros credos, para aceitar os ensinamentos e as atividades propriamente religiosas que orientaram a vida dos iniciados na Santería e no Candomblé, em que as músicas, as danças, as comidas, as bebidas e as roupas consideradas sagradas transcenderam os marcos e espaços religiosos que são característicos para formar parte do conjunto “harmônico” da cultura nacional de suas sociedades. Ressaltamos ainda, apesar da repressão, que estes sujeitos sociais, discriminados e por vezes prejudicados e marginalizados socialmente, participaram da construção e reconstrução política e social de seus países, aportando elementos positivos na reavaliação de suas próprias concepções e posições perante a sociedade, em prol de seus direitos cidadãos, como sujeitos portadores de uma religiosidade que se afasta de concepções eurocêntricas e racistas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Itamar Pereira de. **Do púlpito ao baquiço: religião e laços familiares na trama da ocupação do sertão da ressaca**. 2007. 244 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo.

AGUILAR, Aurora; ARGÜELLES, Aníbal; HODGE, Ileana; VEITÍA, Janet. **Las relaciones identitarias entre la regla ocha, el palo monte y el espiritismo cruzado**. Informe de Pesquisa, DERS, CIPS. La Habana, 2006.

ALVAREZ, Gabriel; SANTOS, Luiz. **Tradições negras, políticas brancas: previdência social e populações afro-brasileiras**. Ministério da Previdência Social – MPS, Brasília, 2006.

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. 25ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1970.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Editora Ática. 1983.

ANDRADE, Maria José de Souza. **A mão-de-obra escrava em Salvador, 1811-1860**. São Paulo: Corrupio Editora. 1988.

ANDREWS, George Reid. **América Afro-Latina, 1800-2000**. Tradução: Magda Lopes. São Carlos: EdFUSCar, 2007.

ARGÜELLES MEDEROS, Aníbal. Elementos para una comprensión de las representaciones mítico-mágicas en la Regla Ocha. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 604-619. CD-ROM.

ARGUELLES, Anibal; HODGE, Ileana. **Los llamados cultos sincréticos y el espiritismo**. La Habana: Editorial Academia, 1991.

ARGUELLES, Aníbal; PERERA, Ana Célia. Los valores de la Regla Ocha. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008. 1 CD-ROM.

ARROYO, Jossianna. **Trasvestismos culturais: literatura y etnografía en Cuba y Brasil**. Pittsburgh: Serie Nuevo Siglo, 2003.

AVRITZER, Leonardo (org.). **Participação social no Nordeste**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

AYOH'OMIDIRE, Félix. **Yorubanidade Mundializada: o reinado da oralitura em textos yorubá-nigerianos e afro-baianos contemporâneos**. 2005. Tese (Doutorado em letras) Instituto de Letras, UFBA, Salvador.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Imagens da África e da Revolução do Haiti no Abolicionismo dos Estados Unidos e do Brasil**. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, v. 116, 1999.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Coord.) **História geral da África-1: metodologia e pré-história da África**. Tradução de Beatriz Turquetti São Paulo: Ática/UNESCO, 1982, pp. 181-218.

BACELAR, Jéferson. **A Hierarquia das Raças: Negros e Brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2001.

BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (orgs.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas Editora, 1999.

BACELAR, Jeferson; PERERA Claudio. **Vivaldo da Costa Lima: Intérprete do Afro-Brasil**. Salvador: EDUFBA/CEAO, 2007.

BARCIA, María del Carmen. **Capas populares y modernidad en Cuba (1878-1930)**. Colección Fuente Viva. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 2005.

BARICKMAN, B. J. **Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BARREAL, Isaac. **Retorno a las raíces: la fuente Viva**. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 2001.

BARREAL, Isaac. Tendencias sincréticas de los cultos populares en Cuba. **Revista Etnología y Folklore**. La Habana, nº.1, Academia de Ciencias de Cuba, 1966, pp. 17-24

BARRIOS, Osvaldo. De la inserción haitiana en la Cuba del siglo XX. **Revista del Caribe**. Santiago de Cuba, nº. 38, 2002, pp. 11-24.

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. (orgs.). **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1997, pp.187-227.

BASAIL, Alain. “Negro brujo maaaaalo!” Ortiz y la prensa como narrativa de brujo. **Catauro – Revista Cubana de Antropología**. La Habana, ano 8, nº. 14, 2006, pp. 73-99.

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Ed. Perspectiva. S.A., 1973.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BELLINI, Ligia. Por amor e por interesse: a relação senhor-escravo em cartas de alforrias. In: REIS, João José (org.). **Escravidão e Invenção de Liberdade: estudo sobre o negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1988. pp.73-88.

BENISTE, José. **Jogo de búzios: um encontro com o desconhecido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BENÍTEZ, María Elena; ALFONSO, Marisol. La familia como categoría demográfica. In: ESTRADA, Ana Vera (org.). **La familia y las ciencias sociales**. Bogotá: Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello, 2003, pp. 179-180.

BERGES, Juana. **El protestantismo histórico: su evolución y significación en la sociedad cubana**. Informe de Pesquisa, DERS, CIPS. La Habana, 1991a.

BERGES, Juana. **Proyecciones teológico, religiosa y social políticas del pastorado protestante histórico en Cuba: la nueva teología cubana**. Resultado parcial de pesquisa, DERS, CIPS. La Habana, 1991b.

BERGES, Juana. **Teología de la Liberación**. Informe de Pesquisa, DERS, CIPS. La Habana, 1989b.

BERGES, Juana; CÁRDENAS, René. **Análisis de la repercusión en el medio cristiano de la situación actual en torno a la relación con los creyentes**. Informe de Pesquisa, DERS, CIPS. La Habana, 1990.

BERGES, Juana; CÁRDENAS, René. **El pensamiento de teólogos liberacionistas**. Resultado de pesquisa, DERS, CIPS. La Habana, 1989a.

BERGES, Juana; CÁRDENAS, René. **Significación social del protestantismo en Cuba**. Estudio monográfico. Resultado Científico, DERS, CIPS. La Habana, 1988.

BERKENBROCK, Volney. J. **A experiênciã dos orixás: um estudo sobre a experiênciã religiosa no candomblé**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes/Centro de Investigaçã e Divulgaçã, 1999.

BLACKBURN, Robin. **A queda do Escravismo Colonial, 1776-1848**. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editorial Perspectiva, 1975.

BRAGA, Julio. Ifá no Brasil. **Revistas das Ciências Humanas**, Salvador: FFCH/UFBA, v. 1, 1980, pp. 113-122.

BRAGA, Julio. **Na cadeira do Ogã e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editorial Pallas. 1999.

BRAGA, Julio. **Na Gamela do Feitiço: Repressão e resistência nos Candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA/CEAO, 1995.

BRAGA, Julio. **Oritameji: o antropólogo na encruzilhada**. 1. ed. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000.

BRANDÃO, Sylvana (org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE / CEHILA, 2002.

- CABRERA, Lydia. **Ayapá: cuentos de Jicotea**. Miami: Ediciones Universal, 1971.
- CABRERA, Lydia. Cholé la holgazana y su buena vecina Daraya. In: **La enciclopedia de Cuba**. Tomo 6 (Folklore). San Juan, Madrid: Editorial Playor, 1974, p. 388.
- CABRERA, Lydia. **Cuentos para adultos, niños y retrasados mentales**. Col. Del Chicherekú en el exilio. Miami: Ultra Graphic Corp., 1983.
- CABRERA, Lydia. **Cundió brujería mala: selección de cuentos cubanos**. La Habana, Ministerio de Educación, Ediciones Nuevo Mundo, 1962, pp. 29-31.
- CABRERA, Lydia. Historia de Elewá Echeún y de lo que aconteció con su hermano envidioso y Ekué Kekeré, la Jutía. In: **La enciclopedia de Cuba**. Tomo 6 (Folklore). San Juan, Madrid: Editorial Playor, 1974, p.391.
- CABRERA, Lydia. Historia de un perro callejero y un gato casero. **Journal of Caribbean Studies**. Florida: Coral Gables, primavera-otoño, 1982.
- CABRERA, Lydia. **La virtud del árbol Dagame: Antología del cuento en Cuba**. La Habana: Ministerio de Educación; Ed. Salvador Bueno, 1953, pp. 141-146.
- CABRERA, Lydia. **¿Por qué? Cuentos negros de Cuba**. Col. Del Chicherekú. La Habana: Ediciones C.R., 1948.
- CABRERA, Lydia. **Anagó, vocabulario lucumí**. (El yoruba que se habla en Cuba). Colección Chicherekú. La Habana: Ediciones C. R., 1957.
- CABRERA, Lydia. **El Monte**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1994.
- CABRERA, Lydia. **Francisco y Francisca**. Caribe, n°. 2, otoño 1977.
- CABRERA, Lydia. Más diablo que el diablo. **Vuelta**. Miami: v. 5, n°. 60, nov. 1981, pp. 7-9.
- Caderno CRH: raça e democracia nas Américas**. Salvador, n° 36, jan./jun. 2002.
- CAIRO, Ana. **Bembé para los cimarrones**. La Habana: Publicaciones Acuario/Centro Félix Varela, 2005.
- CALZADILLA, Jorge Ramírez. 20 años en la vida de la iglesia católica en Cuba. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 258-271. CD-ROM.
- CALZADILLA, Jorge Ramírez. Algo más de 50 años de vida religiosa cubana (1945-2000): secularización y reavivamiento religioso. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 271-290. CD-ROM.
- CALZADILLA, Jorge Ramírez. **La religión en la cultura**. La Habana: Editorial Academia, 1990.

CALZADILLA, Jorge Ramírez. **La religión**: estudio de investigadores cubanos sobre la temática religiosa. La Habana: Editorial Academia, 1993.

CALZADILLA, Jorge Ramírez. Persistencia religiosa de la cultura africana en las condiciones cubanas. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 1753-1783. CD-ROM.

CALZADILLA, Jorge Ramírez. **Religión y Cambio Social**: El campo religioso cubano en la década del 90. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2006.

CALZADILLA, Jorge Ramírez. **Religión y relaciones sociales**: un estudio sobre la significación sociopolítica de la religión en la sociedad cubana. La Habana: Editorial Academia, 2000.

Caminos – Revista Cubana de Pensamiento Socio Teológico (Religiones en África). La Habana, n°42. Octubre / Diciembre 2006.

Caminos – Revista Cubana de Pensamiento Socioteológico (Raza y Racismo). La Habana, n° 24-25, 2002.

CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. **Mãe Stella de Oxossi**: perfil de uma liderança religiosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAPONE, Stefania, **A busca da África no candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capas Livraria / Pallas, 2004.

CARBONELL, Walterio. **Crítica: cómo surgió la cultura nacional**. La Habana, 1961.

CARNEIRO, Edison. (org). **O Negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro reunido (Bahia) de 1937. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

CARNEIRO, Edison. **Religiões negras / Negros Bantos**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1991.

CARPENTIER, Alejo. **Ecue-Yamba-O**. Novela Afrocubana. La Habana: Editora Arte y Literatura, 1977.

CARRERAS, Julio Angel. **Esclavitud, Abolición y Racismo**. La Habana: Editora Ciencias Sociales, 1985.

CARVALHO, Alexandre Magno Teixeira de. O conceito de religião popular e as religiões afro-brasileiras: cultura, sincretismo, resistência e singularidade. **Caderno de Ciências Humanas – Especiaria (UESC)**. Ilhéus, v.9, n°. 15, jan./jun. 2006, pp.181-198.

CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da República. In: CARVALHO, Maria Alice Rezende de (org.). **República no Catete**. 1. ed. Rio de Janeiro: Museu da República/FAPERJ, 2001, v. 1, pp.61-87.

CASTAÑEDA, Yalex; HODGE, Ileana. **Espiritismo cruzado**: creencias y símbolos en la práctica ritual. Material Inédito. Ciudad de la Habana, Departamento de Estudios Sociorreligiosos, 1998.

CASTELLANOS, Jorge. **Pioneros de la etnografía afrocubana**: Fernando Ortiz, Rómulo Lachateñeré y Lydia Cabrera. Miami: Ediciones Universal, 2003.

CASTRILLO, Luis Díaz. **Manual Del santero II**. Venezuela: Orúnmilà. 2006.

CASTRO FERNANDEZ, Silvio. **La Masacre de los Independientes de Color en 1912**. La Habana: Editora Ciencias Sociales, 2002.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. **Os últimos cativos no processo de abolição**. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, v. 116, 1999.

CASTRO, Ubiratan (editor). **Revista Palmares**. Salvador, ano 1. n°. 1, Dezembro / 2005.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks Editora, 2005.

CHADA, Sonia. **A música dos caboclos nos candomblés baianos**. Série fundação Gregório de Mattos. Salvador: EDUFBA, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 3 ed. São Paulo: Editora Moderna, 1984.

CONSORTE, Josildeth Gomes. Em torno de um manifesto das Ialorixás baianas contra o sincretismo. In: BACELAR, Jeferson; PEREIRA, Claudio (orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 1999, pp. 71-92.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: Editora EdUEJR, 2001.

COSTA, Sebastião Heber Vieira. **Boa Morte**: das memórias de Filhinha às litogravuras de Maragogipe. Salvador: Faculdade 2 de Julho. 2007.

COUTO, Edilece Souza. Devoções, festas e ritos: algumas considerações. **Revista Brasileira de História das Religiões** (Dossiê identidades religiosas e história). Salvador, ano I, n°. 1, 2008, pp. 1-10.

DANTAS, Beatriz Góis. Repensando a pureza nagô, religião e sociedade. **Revista Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n°. 8, 1982, pp. 15-19.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco**: Usos e Abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DECOSMO, Janet L. Imágenes de los orichas en Salvador, Bahía. **Revista del Caribe**. Santiago de Cuba, n.º. 33, 2000, pp.79-89.

DESCHAMPS, Pedro. Los Cabildos de los negros de nación en Cuba colonial. In: **Boletín de la Casa de África**. La Habana: Museo de la Ciudad de La Habana, n.º.2, 1987, pp. 01-17.

DESCHAMPS, Pedro; PÉREZ DE LA RIVA, Eduardo. **Contribución a la historia de la gente sin historia**. La Habana; Editorial de Ciencias Sociales, 1974.

DIANTEILL, Erwan. **Des Dieux et Des Sines**: initiation, écriture et divination dans les religions afro-cubaines. Paris: Éditions de l'école des Hautes Études en Sciences Sociales, 2002.

DÍAZ CASTAÑÓN, María del Pilar. **Ideología y revolución**: Cuba, 1959-1962. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2001.

DÍAZ FABELO, Teodoro. **Diccionario de la lengua conga residual en Cuba**. Colección Africanía. Santiago De Cuba: Casa del Caribe; Universidad de Alcalá: ORCALC, 1998.

DÍAZ FABELO, Teodoro. **Guiné Gongorí**: lengua ritual de santeros. Inédito. 1956.

DÍAZ, Aismara Perera; FUENTES, María de los Ángeles Meriño. Esclavitud, familia y parroquia en Cuba: otra mirada desde la microhistoria. **Revista Mexicana de Sociología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México/Instituto de Investigaciones Sociales., n.º. 68, enero/marzo, 2006. pp. 137-180.

DÍAZ, Aismara Perera; FUENTES, María de los Ángeles Meriño. **Matrimonio y familia en el ingenio**: una utopía posible (1825-188). La Habana: Editorial Unicornio, 2008.

DOMINGUES, Petrônio José. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 12, 2007, p. 113-136.

DOMINGUES, Petrônio José. Os descendentes de africanos vão à luta em terra brasilis: Frente Negra Brasileira (1931-37) e Teatro Experimental do Negro (1944-68). **Projeto História** (PUCSP). São Paulo, 2006, p. 131-158.

DOMINGUES, Petrônio José. Os "Pérolas Negras": a participação do negro na Revolução Constitucionalista de 1932. **Revista Afro-Ásia**. CEAO/UFBA. Salvador, n.º. 29/30, 2003, pp. 199-245

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989

ECHEVARRIA, Regina; NÓBREGA, Cida. **Mãe Menininha do Gantois**: uma biografia. Salvador: Ed. Corrupto e Ediouro, 2006.

EDE, Layole I. Timi de. Los tambores yoruba. **Revista Actas del Folklore**, Centro de Estudios del Folklore del TNC. La Habana, año 1, n.º. 6. junio/1961, pp. 15-24.

ENTRALGO, Armando. Los caminos caribeños del panafricanismo. **Revista del Caribe**. Santiago de Cuba, n° 36, 2001, pp. 16-28.

EPEGA, Sandra Medeiros. A volta a África: na contramão do Orixá. In: BACELAR, Jeferson; PERERA Claudio (orgs.). **Faces da tradição Afro- Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 1999, pp. 159-170.

FARIÑAS GUTIERREZ, Daisy (coord.). **La conciencia religiosa, forma de manifestarse en la sociedad cubana actual**. Resultado de pesquisa do colectivo de autores del DESR / Universidad de La Habana. La Habana, 1991, Inédito.

FARIÑAS GUTIERREZ, Daisy. El aborígen antillano ante la conquista: el derecho a defender sus cerníes e su propia religiosidad. In: GUIRIBITEY, Jacobo. (org.). **Los olvidados de la Historia**. La Habana: CEHILA-CUBA. 1992, pp.107-118.

FARIÑAS GUTIERREZ, Daisy. **La religión en las Antillas**. La Habana: Ed. Academia, 1995.

FEIJÓO, Samuel. **El negro en la literatura folklórica cubana**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1987.

FERNÁNDEZ MARTINEZ, Mirta. **A la sombra del árbol tutelar**. La Habana: Editora Ciencias Sociales, 2004.

FERNÁNDEZ MARTINEZ, Mirta. **Oralidad y africanía en Cuba**. La Habana: Editora Ciencias Sociales, 2005.

FERNANDEZ ROBAINA, Tomás. **El Negro en Cuba 1902-1958**. 1ª reimpresión. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1994.

FERNANDEZ ROBAINA, Tomás. **Hablen Paleros y Santeros**. Colección Echú Bi. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1994.

FERRETTI, Sergio. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. In: BACELAR, Jeferson; PERERA Claudio (orgs.). **Faces da tradição Afro- Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 1999, pp. 113-130.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRAGINALS, Manuel Moreno. **El Ingenio** 3 Tomos. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1978.

FREYRE, Gilberto e outros. **Novos Estudos Afro-brasileiros**. II Tomo. Trabalhos apresentados no I Congresso Afro-brasileiros de Recife. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. S.A., 1937.

FRY, Peter. Gallus Africanus est!, ou como Roger Bastide se tornou africano no Brasil. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 1984. Seção: *Folhetim* 391.

FUENTES GARCÍA, Alejandro de la. **Una nación para todos: raza, desigualdad y política en Cuba (1900-2000)**. Madri: Editorial Colibrí, 2002.

GANDON, Tania Almeida. O índio e o negro: uma relação legendária. **Afro-Asia**, CEAO/UFBA. Salvador, nº. 19/20, 1997, pp. 135-164.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência**. São Paulo, Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001

GLEASON, Judith. **Oya: Um louvor à Deusa Africana**. Tradução de Angela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1992.

GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

GOMES, Arilson dos Santos. Idéias Negras em Movimento: da Frente Negra ao Primeiro Congresso do Negro. In: **III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, 2007, Florianópolis/SC. São Leopoldo : OIKOS, 2007. v. 03. p. 78-79.

GONZÁLEZ, David. **Impactos de África en Cuba: cincuenta años**. Cátedra Amílcar Cabral. La Habana: Universidad de La Habana, 2009.

GOUDABLA KLIHEH, Basile. **Religião tradicional africana: el caso del vodú**, en Del Caribe. Santiago de Cuba, La Casa del Caribe, n. 33/2000.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

GUANCHE, Jesus. **Procesos etnoculturales de Cuba**. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1983.

GUANCHE, Julio César. **La imaginación contra la norma: ocho enfoques sobre la República de 1902**. La Habana: Ediciones La Memoria. Centro Cultural Pablo de la Torriente Brau, 2002.

GUDEMAN, Stephen. Purgando o pecado original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII. In: REIS, João José (org.). **Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1988. pp. 39-59.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. **Classes, raça e democracia**. São Paulo: Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Intelectuais negros e formas de integração nacional. **Revista Estudos Avançados**. Rio de Janeiro, 18 (50), 2004, pp. 271-284.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950. **Afro-Asia**, CEAO/UFBA. Salvador, nº. 29-30, 2003, pp. 247-269.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértices, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representation and signifying practices**. Londres: Sage/The Open University, 1997.

HÉLIO, Mário. **O Brasil de Gilberto Freyre: Uma introdução à leitura de sua obra**. Recife: COMUNIGRAF, 2000.

HEYWOOD, Linda M. Introduction. In: _____. (org.). **Central africans and cultural transformations in the American diaspora**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 1-18.

HILL, Pascoe Grenfell. **Cinquenta dias a bordo de um Navio Negreiro**. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 2006.

HODGE LIMONTA, Ileana. El grupo religioso como familia: funciones y desempeño de la mujer. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 449-461. CD-ROM.

HODGE LIMONTA, Ileana. Entre Memória e Oralidade: uma leitura teórica ao problema da identidade cultural. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 642-663. CD-ROM.

HODGE LIMONTA, Ileana. Espíritus y orichas como contrarios que se complementan. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 664-670. CD-ROM.

HODGE LIMONTA, Ileana. Practicismo y utilitarismo del espiritismo cubano. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 182- 201. CD-ROM.

HODGE, Ileana. El Espiritismo Cubano y los Cambios Socioestructurales de los 90". **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008. 1 CD-ROM.

HODGE, Ileana. The use of plants in the rule of Congo and crossed spiritualism. **Revista Enfoques**. La Habana: Fortnightly Publication / IPS. December 2002, pp. 2-19.

HODGE, Ileana; CASTAÑEDA, Yalexty. El espiritismo en Cuba. **Revista Enfoques**. La Habana: IPS, Abril/2003, pp. 1-9.

HODGE, Ileana; RODRÍGUEZ, Minerva. **El espiritismo en Cuba: percepción y exteriorización**. Colección Religión y Sociedad. La Habana: Ed. Academia, 1997,

HOUTART, François. **Sociología de la Religión**. Nicaragua: Ediciones Nicaro y CEA, 1992.

ISAIA, Artur Cesar (org.). **Orixas e Espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

JACSÓN, István; PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem Incompleta: a experiência Brasileira (1500-2000)**. São Paulo: Editora SENAC / Coedição SESC, 1999, pp.127-176.

JAMIL CURY, Carlos Roberto. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Caderno de Pesquisa**. Salvador, n° 116, junho/2002, pp. 245-262.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Os subversivos da República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 1996.

JOUTARD, Philippe. **Esas voces que nos llegan del pasado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

KARASCH, Mary C. As nações do Rio. In: KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. pp. 35-66.

KASANDA, Albert. Las religiones africanas. In: HOUTART, François (org.). **Religiones: sus conceptos fundamentales**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1998, pp. 134-173.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução Mitres Frange de Oliveira Pinheiros. São Paulo: Editora EDUSC, 2002.

LACHATAÑERÉ, Rómulo. **El sistema religioso de los afrocubanos**. Colección Echú Bi. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1992.

LANDES, Ruth. **As Cidades das Mulheres**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2002.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, vol.1- Memória-História, 1984, pp. 11-51.

LENIN, V. I. Actitud del Partido Obrero ante la Religión. In: _____. **Acerca de la Religión: selección de textos**. Moscú: Ed. Progreso, 1973.

LEÓN, Argeliers. **Tras las huellas de la civilización**. Colección La fuente Viva. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 2001.

LÉPINE, Claude. Análise formal do panteão nagô. In: MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de (org.). **Culto aos Orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, pp. 21-78.

LIMA, Fábio Batista. **Os Candomblés da Bahia: tradições e novas tradições**. Salvador: UNEB, 2005.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupo**. Salvador: Corrupio, 2003.

LIMA, Vivaldo da Costa. O conceito de nação nos candomblés da Bahia. **Afro-Asia**, CEAO/UFBA. Salvador, n.º. 12, 1976, pp. 65-90.

LOPES, Nei. **Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. 1996.

LÓPEZ VALDÉS, Leovigildo. **Componentes africanos en el etnos cubano**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

LÓPEZ VALDÉS, Leovigildo. Los orishas resuelven: antropocentrismo y redes informales en los sistemas religiosos de origen africano en Cuba. In: JIMÉNEZ, Antonio Núñez (compilador). **Conferencia Internacional Presencia de África en América**. La Habana: UNESCO, 1985, pp. 92-96.

LÓPEZ VALDÉS, Leovigildo. Notas para el estudio etnohistórico de los esclavos lucumí de Cuba. In: JIMÉNEZ, Antonio Núñez (compilador). **Anales del Caribe**. La Habana, n.º. 6, Centro de Estudios del Caribe / Casa de Las Américas, 1986, pp. 54-75

LÜHNING, Angela Elisabeth. "Acabe com este Santo, Pedrito vem aí..." Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 - 1942. **Revista USP**. São Paulo, v. 28, p. 194-220, 1995.

LÜHNING, Angela Elisabeth; VERGER, Pierre; BASTIDE, Roger. (orgs.) . **Verger-Bastide: dimensões de uma amizade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MADAN, Marcelo. **Os oráculos dos orixás**. Salvador: Livro.com; Venezuela: Orúnmilà. 2009.

MALLORCA, Gladys Mabel. **Más allá de la frontera: el misterio religiosos africano**. Buenos Aires: Editorial Clepsidra, Instituto de investigación y difusión de las culturas negras "Ile Ase Osun Doyo", 1993.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, USP. São Paulo.

MARCELIN, Louis Heins. **A invenção da família Afro-Americana: família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia**. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

MARCONDES DE MOURA, Carlos Eugênio (org.). **Candomblé: religião do corpo e da alma** (Tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras). Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2004.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARTÍNEZ HERDIA, Fernando. **En el horno de los 90**. La Habana: Editora Ciencias Sociales, 2005.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre a religião**. Lisboa: Edições 70, 1976.

MATORY LORAND, J. JEJE: Repensando Nações e Transnacionalismo. **Revista Estudo de Antropologia Social**. Rio de Janeiro, vol. 5, abril de 1999, pp. 57-79.

MATORY LORAND, J. **The English professors of Brazil**: on the diasporic roots of the Yoruba nation. Cambridge: Society for Comparative Study of Society and History, vol. 41, 1999, pp. 72-104.

MATORY LORAND, J. Yorubá: as rotas e as raízes da nação transatlântica, 1830-1950. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 4, nº. 9, outubro de 1998, pp. 263-292.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Família e Sociedade na Bahia do Século XIX**. São Paulo: Editora Corrupio, 1988.

MEILLASOUX, Claude. **Antropologia da escravidão**: o ventre de ferro e dinheiro. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1995.

MENÉNDEZ, Lázara, "... fondo de historia". In: BASAIL, Alain; DÍAZ ÁVILA, Roberto (org.). **Materiales de Antropología Socio-cultural**. La Habana: Departamento de Sociología da Facultad de Filosofía e Historia / Universidad de la Habana. Marzo, 2003. pp. 151-170.

MENEZES, Ana Maria Ferreira. A autonomia e os recursos tributários municipais no Brasil: uma análise à luz das Constituições Republicanas. **Bahia Análise & Dados**. Salvador, v. 13, nº. 3, 2003, pp. 881-812.

MINTZ, Sidney W; PRICE, Richard. **O nascimento da cultura Afro-Americana**: uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, pp. 25-41.

MONTEJO ARRECHEA, Carmen V. **Sociedades Negras em Cuba 1878-1960**. La Habana: Editora Ciencias Sociales, 2004.

MORALES LABAÑINO, Yumai I. Acercamiento a la funcionalidad de los símbolos en la Regla de Ocha. In: **VIII Conferencia Internacional La Antropología ante los nuevos retos de la humanidad**, 2006, La Habana. Trabalho presentado. La Habana: Instituto Cubano de Antropología. La Habana, 2006.

MORALES, Esteban. **Desafíos de la problemática racial en Cuba**. Colección La Fuente Viva. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, 2007.

MORENO, Dennis. **Cuando los orichas se vistieron**. La Habana: Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello, 2002.

MOTT, Luiz. Acotundá: raízes setecentistas do sincretismo religioso afro-brasileiro. **Revista do Museu Paulista**, v. 31, 1986, pp. 124-147.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

NABUCO, Joaquim. **Campanha abolicionista no Recife** (Eleições de 1884). Brasília: Edições do Senado Federal. 2005. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Revista Estudos Avançados**. Rio de Janeiro, 18(50), 2004, pp. 209-224.

NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombo: Vida, problemas e Aspirações do Negro**. Rio de Janeiro: Editora 34 (Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento, n. 1 a 10, dezembro de 1948 a junho de 1950), 2003.

NISHIDA, Nieko. As Alforrias e o papel das Etnias na Escravidão Urbana, Salvador, Brasil, 1808-1888. **Revista de Estudos Econômicos**. São Paulo, v.23, nº. 2, Maio-Ago, 1983, pp. 227-265.

NOBREGA, Cida; ECHEVARRIA, Regina. **Mãe Menininha do Gantois: uma biografia**. Salvador: Ed. Corrupto; Ediouro, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes. **O Liberto: seu mundo e os outros, Salvador, 1790/1890**. São Paulo: Ed. Corrupto; Brasília: CNPq, 1988.

OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes. Quem eram os Negros da Guiné? Sobre a origem dos africanos na Bahia. **Afro-Ásia**. Salvador, n. 19/20, 1997, pp. 37-73.

OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes. Viver e morrer no meio dos seus. Nações e comunidades africanas na Bahia do século XIX. **Revista da USP**. São Paulo, v. 28, 1996, pp. 174-193.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Waldir Freitas; LIMA, Vivaldo da Costa. **Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos: de 24 de janeiro a 6 de dezembro de 1938**. São Paulo: Corrupto, 1987.

ORO, Ari Pedro. **Axé Mercosul: as religiões afro-brasileiras nos países do Prata**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1983.

ORTIZ, Fernando. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Fernando. **Historia de una pelea cubana contra los demonios**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1975.

ORTIZ, Fernando. **Los cabildos y fiestas Afro cubano del Día de Reyes**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1992.

ORTIZ, Fernando. **Los negros brujos**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1975.

ORTIZ, Fernando. **Los negros curros**. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1986.

ORTIZ, Fernando. Martí y las razas. **Caminos – Revista de Pensamiento Socioteológico**. La Habana, nº. 24-25, 2002, pp. 35-51.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1991.

ORTIZ, Renato. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

PALMIÉ, Stephan. O trabalho cultural da Globalização Ioruba. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, 27(1), 2007. pp. 77-113.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

PÉREZ CRUZ, Ofelia. Religiosidad popular y cambios sociales en cuba: símbolos y funciones respondiendo a nuevos contextos sociohistóricos. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp.1872-1888. CD-ROM.

PEREZ GARCIA, Xiomara; HERNANDEZ CADIZ, Arminda; MENDOZA, Jorge Enrique. **El Derecho de Petición en Cuba**. Trabajo de Diploma de la Facultad de Derecho. Tutor Dr. Gabriel Casanova Valdés. La Habana: Universidad de la Habana, 1983.

PICHARDO, Hortensia. **Documentos para la Historia de Cuba**. Tomo I. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1971.

PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia: estudo de controle racial**. São Paulo: Editorial Nacional, 1971.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Edições Annablume, 2004.

PINTADO, Ana Celia Perera. Religiones de origen africano, valores religiosos y cambio social en cuba. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos**. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008. 1, pp. 49-70. CD-ROM.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (orgs.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas Editora, 1999, pp. 93-112.

REGINALDO, Lucilene. **Os rosários pretos dos Angola**: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

REHBEIN, Franziska C. **Candomblé e salvação**: a salvação na religião nagô à luz da teologia cristã. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **A família negra no tempo da escravidão**: Bahia, 1850-1888. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2001.

REIS, João José. “Nos achamos em campo a tratar da liberdade”: a resistência negra no Brasil oitocentista. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem Incompleta**: a experiência Brasileira (1500-2000). São Paulo: Editora SENAC / Co-edição SESC, 1999, pp. 241-263.

REIS, João José. De olho no canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição. **Afro-Asia**, CEAO/UFBA. Salvador, v. 24, 2000, pp. 199-242.

REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano**: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REIS, João José. Tambores e Tremores: A festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: Maria Clementina Pereira Cunha. (org.). **Carnavais e Outras F(r)estas**: ensaios de História Social da Cultura. 1 ed. São Paulo: UNICAMP/CECULT, 2002, p. 101-155.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

REIS, Meire Lúcia Alves dos. **A cor da notícia**: discursos sobre o negro na imprensa baiana (1888-1937). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – FFCH / Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Revista la Gazeta de Cuba (Nación, Raza y Cultura). La Habana: Editor UNEAC, n° 1 enero-febrero, 2005.

Revista Memórias da Bahia 2: Menina das águas. Correio da Bahia. Salvador, novembro de 2002.

Revista Memórias da Bahia II: Astro do Candomblé. Correio da Bahia. Salvador, dezembro de 2003.

ROBAINA JARAMILLO, Rafael. **Orisha-Ekue-Nkisi**: fundación, oralidad y persistencia en tres religiones de ascendencia africana en Cuba. In: Estudio antropológico de las religiones de ascendencia africana en Cuba (Informe de Resultado). Instituto Cubano de Antropología, La Habana, 2003.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira S.A., 1935.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Nacional, 1977.

SABATER PALENZUELA, Vivian M (org.). **Sociedad y religión**: selección de lecturas. Tomos I y II. La Habana: Editorial Feliz Varela, 2003.

SALERMO IZQUIERDO, Judith. **Fernando Ortíz**: notas acerca de su imaginación sociológica. La Habana: Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello, 2004.

SANCHIS, Pierre (org.). **Fiéis & cidadãos**: percurso do sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora EdUEJR, 2001.

SANCHIS, Pierre. Sincretismo e Pastoral: O Caso dos Agentes Pastorais Negros. BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (orgs.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira**: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas Editora, 1999, pp. 171-210.

SANSONE, Livio. **Negritude sem Etnicidade**. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: Edufba, 2004.

SANTIAGO, Gilmar. Uma ação de valorização das religiões de matrizes africanas. In: SANTOS, Jocélio Teles dos (org.). **Mapeamento dos Terreiros de Candomblé de Salvador**. Salvador: CEAO/UFBA. 2008. Disponível em: <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/analise>>

SANTOS, Adriana Martins dos. **A construção do reino**: a Igreja Universal e as instituições políticas soteropolitanas, 1980-2002. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – FFCH / Universidade Federal da Bahia. Salvador.

SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos (Mestre Didi). **História de um terreiro Nagô**. 2ª edição. São Paulo: Editora Max Limonad, 1988.

SANTOS, Flavio Gonçalves dos. **Os discursos afro-brasileiros face às ideologias raciais na Bahia (1889-1937)**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – FFCH / Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Jocélio Teles dos (org.). **Mapeamento dos Terreiros de Candomblé de Salvador**. Salvador: CEAO/UFBA. 2008. Disponível em: <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/analise>>

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura no poder**: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil. Salvador: Editora da Edufba, 2005.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo (Mãe Stella de Ôsosi). **Ôsosi: o caçador de alegrias**. Salvador: Funcultura Governo da Bahia, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWEGLER, Armin. El vocabulário (ritual) bantu de Cuba. In: DÍAZ, Norma; LUDWING, Ralph; STEFAN, Pfan (orgs.). **La Romania Americana: procesos lingüísticos en situaciones de contacto**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2002, pp. 98-194.

SCOTT, Rebecca J. **Emancipação escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre, 1860-1899**. Editora Paz e Terra e Editora da UNICAMP. Brasil, 1991.

SERRA, Ordep. **Águas do Rei**. Rio de Janeiro: Vozes/Koinonia. 1995.

SILVA, Josefina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**. Rio de Janeiro, ano 25, n°2, 2003, pp.215-235.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Reafranização e Sincretismo: Interpretações acadêmicas e Experiências Acadêmicas. In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (orgs.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas Editora, 1999, pp. 149-158.

SILVEIRA, Renato da. Jeje-nagô, iorubá-tapá, aon efan e ijexá: processo de constituição do candomblé da Barroquinha, 1764-1851. **Revista Cultura Vozes**, Petrópolis, 94(6), 2000, pp. 80-101.

SILVEIRA, Renato da. Sobre a fundação do Terreiro do Alaketo. **Afro-Asia**, CEAO/UFBA. Salvador, n°. 29/30, 2003, pp. 345-379.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Agô, Agô Lonan: mitos, ritos e organização de Terreiros de Candomblé na Bahia. 1. ed. Belo Horizonte - MG: Mazza Edições, 1998.

SLENES, Robert W. "Malungu, ngoma vem!" África coberta e descoberta no Brasil. **Cadernos do Museu da Escravatura**. Luanda, Angola, v. 1, 1995, pp. 1-24.

SLENES, Robert. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações da família escrava**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negrada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro**. Coleção Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Secretaria Municipal de Cultura / Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural / Divisão de Editoração, 1994.

SODRÉ, Muniz. **A verdade Seduzida: por um conceito de cultura**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

SOGBOSI, Hippolyte Brice. **La tradición ewé-fon en Cuba:** contribución al estudio de la tradición ewé-fon (arará) en los pueblos de Jovellanos, Perico y Agramante, Cuba. Colección Africana. La Habana: Fundación Fernando Ortiz/Universidad de Alcalá, 1998.

SOUSA Jr., Vilson Caetano de. **Nagô: a nação dos ancestrais itinerantes.** Salvador: Editora FIBI, 2005.

SOUSA Jr., Vilson Caetano de. **O banquete sagrado:** notas sobre os “de comer” em terreiros de candomblé. Salvador: Atalho, 2009.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão. Candomblé e a [re] Invenção de tradições. In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (orgs.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira:** religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas Editora, 1999, pp. 131-140.

TEJADA, Aurelio Alonso. Catolicismo, política y cambio en la realidad cubana actual. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos.** Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 294-322. CD-ROM.

TEJADA, Aurelio Alonso. Relaciones entre la iglesia catolica y el estado al final del milenio. **Aniversario 25 del Departamento de Estudios Sociorreligiosos.** Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. La Habana, 2008, pp. 104-126. CD-ROM.

THERBORN, Göran. **La ideología y el poder de la ideología.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800.** Tradução Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda., 2004.

TORRES-CUEVAS, Eduardo. **En busca de la cubanidad.** Tomos I y II. La Habana: Editorial Ciencias Sociales. 2006.

TORRES-CUEVAS, Eduardo; REYES, Eusebio. **Esclavitud y sociedad:** notas y documentos para la historia de la esclavitud negra en Cuba. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 1966.

UBIETA GOMÉZ, Enrique. **Ensayos de Identidad.** La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1993.

VALLADO, Armando. O Sacerdote em Face de Renovação do Candomblé. In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (orgs.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira:** religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas Editora, 1999, pp. 141-148.

VENTURA, Roberto. Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem Incompleta:** a experiência Brasileira 1500-2000. São Paulo: Editora SENAC / Co-edição SESC, 2000.

VERA ESTRADA, Ana (org.). **La oralidad: ¿ciencia o sabiduría popular?** La Habana: Cátedra de oralidad Carolina Poncet; Centro de Investigaciones y Desarrollo de la Cultura Juan Marinello, 2004.

VERGER, Pierre. **Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo: do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos, dos séculos XVII a XIX.** 2ª Edição. São Paulo: Editora Corrupio, 1987.

VIANNA, Hildergardes. **A Bahia já foi assim: crônicas de costumes.** Salvador: Editora FG Ltda., 2000.

VITIER, Cintio. **Resistencia y Libertad.** La Habana: Ediciones UNIÓN, 1999.

VOGT, Carlos. **Ações afirmativas e política de afirmação do negro no Brasil.** Publicado en la serie Reportagens, de la Sección Com Ciência – O Brasil negro. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros>>.

WEBER, Max. **Relações Comunitárias Étnicas.** In: _____. **Economia e Sociedade.** Vol. 1. Brasília: Editora da UnB, 1991, pp. 267-277.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 07-72.

ZENETTI LECUONA, Oscar. **La República: notas sobre economía y sociedad.** La Habana: Editora Ciencias Sociales, 2006.

FONTES ESCRITAS

Documentos de Arquivo:

Setor Judiciário/Candomblé/ BA (1890-1950) - APEB

Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 35/1249/09 1965-1967
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 35/1259/18 1932-1964
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 30/1092/16 1924
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 33/1165/02 1948
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 34/1225/4 1949
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 42/1489/11 1967-1973
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 35/1249/09 1965-1967
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 35/1259/18 1932-1964
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 30/1092/16 1924
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 33/1165/02 1948

Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 34/1225/4 1949
 Curandeirismo; Republicano/ Judiciário/Crime; 42/1489/11 1967-1973
 Desordem; Republicano/ Judiciário/Crime; 36/1282/12 1929-1984
 Desordem; Republicano/ Judiciário/Crime; 20/717/16 1910
 Feitiçaria; Republicano/ Judiciário/Crime; 37/1333/1 1912
 Feitiçaria; Republicano/ Judiciário/Crime; 28/1004/01 1935
 Feitiçaria; Republicano/ Judiciário/Crime; 30/1056/17 1939
 Perjúrio; Republicano/ Judiciário/Crime; 40/1422/35 1904

Secretaria de Segurança Pública/Candomblé/ BA (1890-1950) – APEB

Queixa- Motivos Religiosos; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Juízo de Direito, 06/6/1912; 05; 02
 Curanderismo-Candomblé; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Telegrama. Inhambupe. Delegacia de Jogos e Costumes. Fol. 06, 07, 08, 09, 10; 06; 01
 Curandeirismo-Candomblé; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Gabinete do Secretariado. 8/12/1938; 06; 01
 Decreto Lei, Funcionamento de Festas; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Gabinete do Secretariado 17/09/1943; 15; 02
 Decreto Lei, Funcionamento de Festas; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Secretaria do Interior e Justiça. 04/10/1943. fol. 9, 10, 11, 12; 15; 02
 Decreto Lei, Funcionamento de Festas; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Projeto de Decreto de Lei – Estabelece o horário para o funcionamento de clubes. Fol. 13, 14; 15; 02
 Agressão Física, Crime, Curandeirismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Documento de Autos e Perguntas. Curandeirismo. Fol. 1. Rio Novo, 30/10/1939; 18; 02
 Agressão Física, Crime, Curandeirismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório 5/10/1939; 18; 2
 Curandeirismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório. Candelinha, 12/12/1942. Delegacia do Interior, fol. 1; 35; 1
 Curandeirismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório. Santarém. 26/11/1943; 35; 1
 Subversão; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Cópia do relatório do inquérito. Itabuna, 2/10/1948; 35; 2
 Dados Estatísticos. Instituto Nina Rodrigues; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório estatísticos, 1945; 32; 3
 Delegacia de Jogos e costumes; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Correspondência expedida/recebida. Delegacia de jogos e costumes; 37; 02
 Candomblé; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Correspondência expedida/ recebida. Delegacia da 2º circunscrição. ; 42; 01
 Recolhimento da Cadeia de Correição e Liberdade; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Fol. 1. 1/11/1915; 43 ; 02
 Recolhimento da Cadeia de Correição e Liberdade; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Fol. 601. 11/10/1924; 43 ; 02
 Ação de Interdito Proibitório; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório de Atividades. Instituto de Identificação Francisco de Assis e Ribeiro Gonçalves, 1941; 44; 02

Ação Interdito Proibitório; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Mapa demonstrativo. Movimento geral do Instituto, 1934.; 44; 02

Operação Militar. Movimento de banditismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório de Inquérito. Movimento de Banditismo, 1942; 50; 02

Queixa- Motivos Religiosos; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Juízo de Direito, 06/6/1912; 05; 02

Curandeirismo-Candomblé; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Telegrama. Inhambupe. Delegacia de Jogos e Costumes. Fol. 06, 07, 08, 09, 10; 06; 01

Curandeirismo-Candomblé; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Gabinete do Secretariado. 8/12/1938; 06; 01

Decreto Lei, Funcionamento de Festas; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Gabinete do Secretariado 17/09/1943; 15; 02

Decreto Lei, Funcionamento de Festas; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Secretaria do Interior e Justiça. 04/10/1943. fol. 9, 10, 11, 12; 15; 02

Decreto Lei, Funcionamento de Festas; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Projeto de Decreto de Lei – Estabelece o horário para o funcionamento de clubes. Fol. 13, 14; 15; 02

Agressão Física, Crime, Curandeirismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Documento de Autos e Perguntas. Curandeirismo. Fol. 1. Rio Novo, 30/10/1939; 18; 02

Agressão Física, Crime, Curandeirismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório 5/10/1939; 18; 2

Curandeirismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório. Candeinha, 12/12/1942. Delegacia do Interior, fol. 1; 35; 1

Curanderismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório. Santarém. 26/11/1943; 35; 1

Subversão; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Cópia do relatório do inquérito. Itabuna, 2/10/1948; 35; 2

Dados Estatísticos. Instituto Nina Rodrigues; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório estatísticos, 1945; 32; 3

Delegacia de Jogos e costumes; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Correspondência expedida/recebida. Delegacia de jogos e costumes; 37; 02

Candomblé; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Correspondência expedida/ recebida. Delegacia da 2º circunscrição. ; 42; 01

Recolhimento da Cadeia de Correição e Liberdade; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Fol. 1. 1/11/1915; 43 ; 02

Recolhimento da Cadeia de Correição e Liberdade; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Fol. 601. 11/10/1924; 43 ; 02.

Ação de Interdito Proibitório; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório de Atividades. Instituto de Identificação Francisco de Assis e Ribeiro Gonçalves, 1941; 44; 02.

Ação Interdito Proibitório; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Mapa demonstrativo. Movimento geral do Instituto, 1934.; 44; 02

Operação Militar. Movimento de banditismo; Republicano-Secretaria de Defesa Pública do Estado da Bahia; Relatório de Inquérito. Movimento de Banditismo, 1942; 50; 02.

Registro de Associações do Arquivo Histórico de Cuba

Afrimación y Defensa Social. Leg. 1084. Exp. 22766-69.

Africana Virgen de Regla. Leg. 286. Exp. 8141.
 Afro- cubano San Pedro. Leg. 204. Exp. 4744.
 Aires d'a Miña Terra. Leg.43. Exp. 14667.
 Amor a las Mercedes. Leg. 192. Exp. 4196.
 Amor a los Invisibles. Leg. 276. Exp. 7694.
 Amor al caído. Leg. 148. Exp. 2404.
 Asociación de Amigos de la Cultura Popular. Leg. 225. Exp. 5726.
 Asociación de Defensa a los Derechos Democráticos. Leg. 179. Exp. 3651.
 Asociación de Estudios y Ritos Africanos Pancho Garrafón. Leg. 185. Exp. 3890.
 Asociación Santa Bárbara. Leg. 276. Exp. 7711.
 Cabildo de Congos Reales. Leg. 421. Exp. 12298.
 Cabildo de la Catedral San Cristobal dela Habana. Leg. 372. Exp. 11284.
 Centro Psíquico Afro-cubano Elene López. Leg. 139. Exp. 2081.
 Centro de Estudios Sociales. Leg. 395, 214, 1323. Exp. 11758, 12097, 27200.
 Cofradía del Cristo de Limpias. Leg. 160. Exp. 2879.
 Confederación Nacional de Sociedades Unidas. Leg. 1201. Exp. 25098.
 Devotos de San Lázaro. Leg. 356. Exp. 10703.
 Directorio Central de las Sociedades de la Raza de Color. Leg. 428. Exp. 13454.
 Discípulos de África. Leg. 187. Exp. 4011.
 Iglesia Metodista Episcopal Africana. Leg. 1201. Exp. 25098.
 Instituto de Cubanización. Leg. 279. Exp. 7840.
 Instituto Interamericano de Lucha contra la Discriminación Racial. Leg.169. Exp.3220.
 Instituto Nacional de Costumbres Sociales. Leg. 185. Exp. 3887.
 Justicia y Cultura. Leg. 305. Exp. 8879.
 Los Congos Melendre Lacalla. Leg. 1340. Exp. 27503.
 Divina Caridad. Leg. 435, 391, 374. Exp. 14640, 11699, 11329.
 Divino Franciasco. Leg. 280. Exp. 7889.
 Efi Abarocó Ubaní. Leg.1246. exp. 25946-53.
 El Templo de las Mercedes. Leg. 179. Exp. 3674.
 El Templo de la Vida. Leg. 533. Exp. 15746.
 El Templo Havana N° 303. Leg. 848. Exp. 19830.
 Francisca Libre. Leg. 116. Exp.1455.
 Francisco Armenteros. Leg. 187. Exp.3981.
 Francisco Lucumí. Leg. 208. Exp. 4916.
 Hermano Victorico Ganga. Leg. 351. Exp. 10483.
 Hermano Francisco Lucumí. Leg.1212. Exp. 25401.
 Hijos de José el Congo. Leg. 312. Exp. 9046.
 Hijos de San Francisco de Asis. Leg. 614. Exp. 17013, 17015, 17019.
 Iglesia Espiritualista Cristiana del Rito Lucumí. Leg. 661. Exp. 17630.
 Iglesia Ortodoxo Psíquico Afro-cubana. Leg. 654. Exp.17549.
 Los Hijos del África. Leg. 160 Exp.2907.
 Muñanga Efó. Leg.1209. Exp. 25328.
 Sociedad de Folklore Cubano. Leg. 384. Exp.11573.
 Sociedad de Socorroros Mútuos de antiguo Cabildo Carabali Águo. Leg. 432. Exp. 13579.
 Unión de los Hijos de la Nación Arará Cuevano. Leg. 428. Exp. 13473.

Governo Geral do Arquivo Histórico de Cuba

Sociedad de Negros africanos de nación Congo Real. Leg. 100. Exp. 4675.

Sociedad de Beneficencia santa Clara para las personas de color. Leg 97. Exp. 4422.
 Sociedad de Socorro Mútuos “Cinco Naciones”. Leg. 100. Exp. 4662
 La igualdad de los africanos y sus descendientes. Leg. 100. Exp. 4663
 Socorros Mútuos centrafricano. Leg. 100. Exp. 4717.

Anais

Encontro de nações-de-candomblé. Co-edição: IANAMÁ, UFBA, CEAO, Centro Editorial e Didático. Série “Estudos/Documentos”. N°10, Salvador, 1984.
 II Encontro de nações de candomblé. CEAO-UFBA. Programa “A Cor da Bahia”.: Fundação Gregório de Mattos, Câmara de Vereadores, Salvador, 1997.

Jornais

Diário de Notícias. Anos, 1904-1968.
Jornal A Tarde. Anos 1940- 2000.
Jornal A Bahia. Anos 1910- 1950.
Jornal Estado da Bahia. Anos,1930-1950.
Diario de la Marina. Anos 1904- 1960.
Diario La Marina. Sección “Ideales de una Raza”. Anos 1928 e 1929.
La Dicusión. Anos 1917, 1918 e 1919.
El Día. Anos, 1918 (Set/Dez.), 1919 (Abril/Junho, 1920).
La Prensa. Anos, 1919, 1922.
La Nación, Ano, 1919.
El Mundo, Ano, 1919.
El País. Anos 1919, 1922.

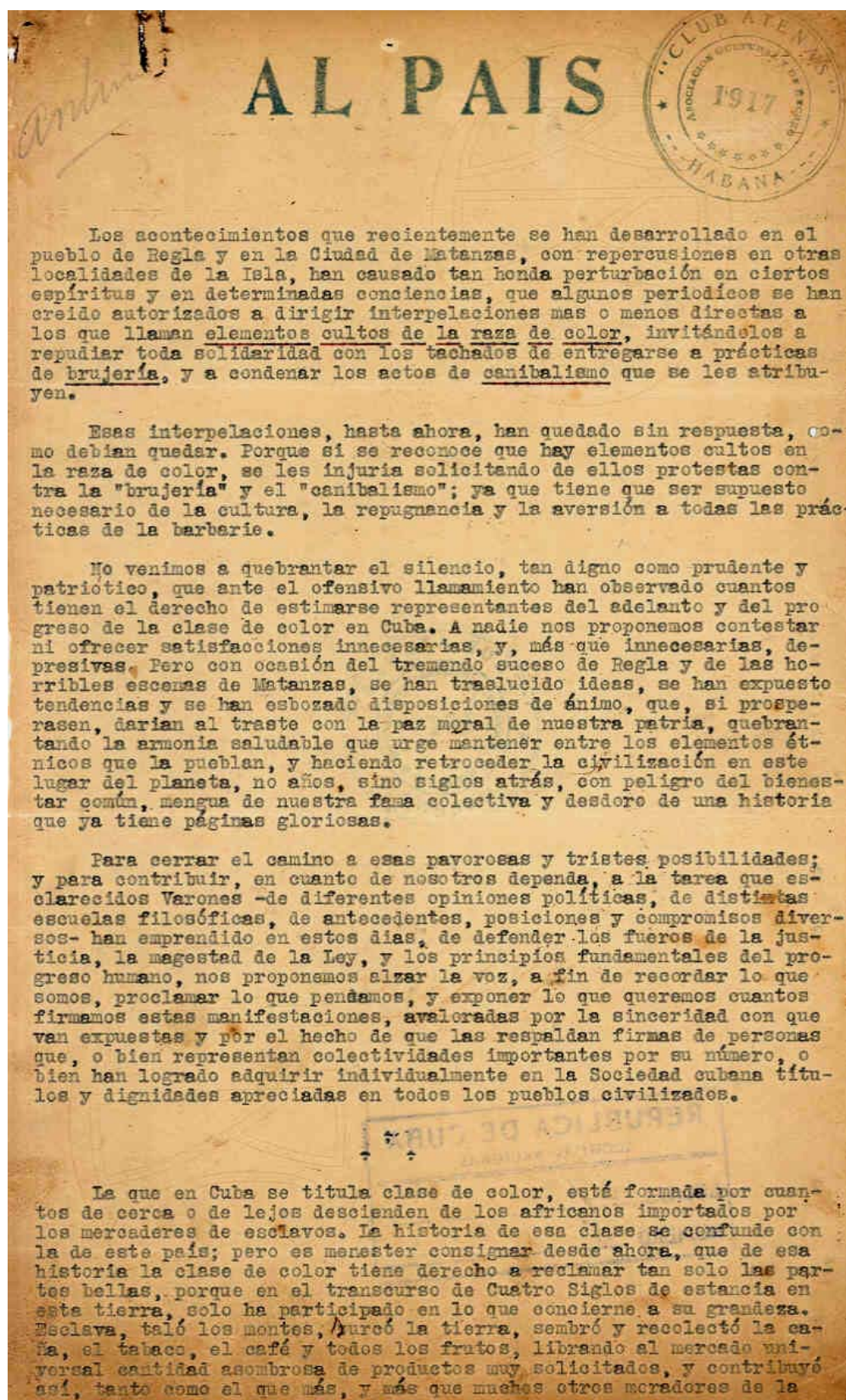
FONTES ORAIS

Tico, Santiago de Cuba, Cuba. Abril, 2005.
Migue, Santiago de Cuba, Cuba. Abril 2005
Rosa, Havana, Cuba. Abril, 2005.
Larduet, Santiago de Cuba, Cuba. Maio, 2005.
Julio, Salvador, Brasil. Outubro, 2007.
Vitica, La Habana, Cuba. Fevereiro, 2007.
Mercedes, La Habana, Cuba. Fevereiro, 2007.
Milí, La Habana, Cuba. Fevereiro, 2007.
ACM, La Habana, Cuba. Abril, 2007.
Rafelito, La Habana, Cuba. Abril, 2007.
Rigo, La Habana, Cuba. Abril, 2007.
Lazarito, La Habana, Cuba. Abril, 2007.
Pai Ari, Salvador, Brasil. Presidente da FENECAB. Maio, 2007.
Valda, Salvador, Bahia. Maio, 2007.
Pai Marcos, Salvador, Brasil. Maio, 2007.
Boni, Salvador, Brasil. Junho, 2007.
Mãe Nininha, Salvador, Brasil. Junho, 2007.
Pai Cao, Salvador, Brasil. Julho, 2007.

Mãe Sandra, Salvador, Brasil. Agosto, 2007.
Yo, Salvador, Brasil. Agosto, 2007.
Maria Luisa, La Habana, Cuba. Agosto, 2007.
Wilson, La Habana, Cuba. Agosto, 2007.
Cristobal, La Habana, Cuba. Agosto, 2007.
Jorginho, Salvador, Brasil. Setembro, 2007.
Thiago, Salvador, Brasil. Setembro, 2007.
Marcelo, Salvador, Brasil. Maio, 2009.
Makota Valdina, Salvador, Brasil. Maio, 2009.
Mãe Elisa, Salvador, Brasil. Maio, 2009.

ANEXO A: DOCUMENTOS

Fac-simile da Carta "Al País", emitida pelo Club Atenas ao povo cubano, em 1919:



(DOS)

Gran Antilla a su prosperidad material, a su riqueza privada y pública. Cuando esa prosperidad, base del adelanto moral e intelectual, alcanzó desarrollo considerable, surgió la santa idea de crear la nacionalidad; y a ese nobilísimo empeño, la clase de color, identificada con el país en que trabajara y gimiera esclava, aportó su concurso esforzado, llevando a las filas de la Revolución redentora un contingente que fué importante por su número, grande por su abnegación y admirable por su constancia y su heroísmo. -La República es hija del valor y del esfuerzo de todos los cubanos; pero entre todos los cubanos que la trajeron, tiene parte principalísima la clase de color.

Si en la época colonial fué tan beneficioso al país el comportamiento de esa clase, al extremo de que una personalidad eminente de raza blanca dijera al referirse a ella que en Cuba lo que había "menos negro es el negro"; si en el período revolucionario, fué ejemplar su conducta, puede afirmarse que bajo el régimen de República independiente en que vivimos, no ha desmentido, sino confirmado, con su actitud, los timbres que le aseguran en la historia patria, cuando se escriba con alteza de miras y sin prejuicios nubladores del sentimiento de la justicia, un lugar prominente y honorable. Los agoreros superficiales anunciaban, en efecto, que Cuba independiente sería el teatro inevitable de feroces contiendas de razas; que los negros, irritados por la esclavitud, se lanzarían, frenéticos y brutales, sobre la población blanca, tratando de exterminarla para vengar el oprobio que representaba el estado servil, y que en esa lucha cruenta la Isla entera dejaría de ser el Eden antillano para transformarse en infierno dantesco.

En vez de tales presagios, lo que hasta ahora estamos presenciando abona la bondad ingénita de la raza negra de Cuba, y constituye el mentís mas rotundo que pudiera darse a los profetas de desgracia y de ruina. Nada de lo anunciado por ellos ha sucedido hasta el presente. Los elementos de color, dentro de la República, se han venido moviendo en perfecta concordancia con los demás elementos del país. Ya en la Colonia afirmaron el concepto que tenían de lo que debía ser la Sociedad cubana: una familia, en la que los blancos, por su mayor número, su mayor cultura, su mayor riqueza, su mejor preparación, debían representar, durante cierto tiempo, el papel de "hermanos mayores", con relación a los elementos de color. Es decir, que a los cubanos blancos, principalmente, incumbía trazar los derroteros que el país debía seguir y tomar la dirección de los empeños que estimasen convenientes realizar. Los cubanos negros, hermanos menores, estaban en la obligación de acatar sus miras y secundar sus iniciativas, con la sola condición de que cuanto quisieran, lo quisieran para todos, y cuanto se alcanzase, los disfrutasen por igual negros y blancos; a fin de que con la práctica de las libertades conquistadas y de los derechos ganados por el esfuerzo de unos y de otros, el nivel moral, intelectual y social del negro se fuese elevando, y llegase él también a la mayoría de edad, y tuviera así derecho a tomar parte en la dirección del hogar común, como acontece en la vida familiar.

Consecuentes con ese programa, los elementos de color, en la vida nacional, lejos de inspirarse en afinidades étnicas, han foto exponientemente la unidad racial, dispersándose en el campo de la política entre todos los Partidos; fertilizando sus cerebros con los propios principios que en las Aulas y en las Cátedras comunes fortifican los suyos los cubanos blancos; desarrollando, en suma, sus corazones al calor de los mismos sentimientos que alientan y difunden los directores naturales de la conciencia cubana.

El resultado de esa conducta, salta a la vista de cuantos no estén cegados por torpes pasiones. La clase de color, en Cuba, ha trabajado incesantemente, y en todos los órdenes su desarrollo es considerable. En cuatro lustros escasos ha mejorado su posición económica de manera alentadora: consúltense las listas contributivas de los Ayuntamientos, y se verá que es apreciable el número de los individuos de la clase de color que tributan por fincas urbanas y rústicas, por industrias, comercio y profesiones. Al lado de muchos contribuyentes modestos, hay ya algunos grandes colonos y propietarios que representan

(TRES)

capital importante, que tienen el derecho a ser considerados como ricos. Del propio modo, en el órden político ha afirmado su valimiento, dando a todos los Partidos servidores eficaces, voceros elocuentes, propagandistas escuchados y elementos directores capaces y populares, que han representado con honor a sus correligionarios blancos y negros, así en los Ayuntamientos y Consejos Provinciales como en el Congreso de la Nación, y hasta en el Consejo de Secretarios de la República. Por otra parte, de los Institutos, de las Escuelas Profesionales y de la Universidad han salido médicos, farmacéuticos, abogados, notarios, ingenieros civiles, agrónomos y electricistas; doctores en filosofía y letras, en ciencias y en pedagogía; arquitectos, maestros de obras, bachilleres, músicos, pintores, maestros de instrucción pública, peritos mercantiles, veterinarios, en una palabra: representantes innegables del esfuerzo de una clase que hasta hace poco estaba condenada a la ignorancia de la esclavitud y a la esclavitud de la ignorancia.

Esto es lo que significa actualmente en la vida de Cuba republicana el elemento de color. Los descendientes de los miseros esclavos africanos están actuando de esta manera en la nacionalidad que han ayudado a nacer; y si no se ha nublado el Sol de la Justicia, es menester proclamar muy alto que procediendo de este modo han cumplido con su deber, mejor de lo que podía esperarse dado su punto de partida y las trabas que a su desenvolvimiento parecían oponer entorpecedoras tradiciones.

Los antecedentes de esa fracción del pueblo cubano y su situación en la Sociedad de que forma parte, determinan de una manera incontrovertible la dirección de su sentir y de su pensar. Los elementos de color, en Cuba, no se han apartado nunca de la corriente general. Los que guiaron sus primeros pasos, se esforzaron siempre en identificar sus ideas, sus sentimientos y sus aspiraciones con la del resto del país. Ha tenido y tiene guerreros valerosos: Crombet, Quintín Banderas, José Maceo, Rabí, y el más grande de todos, Antonio Maceo, para no hablar más que de los desaparecidos, no han sido guerreros negros, sino Soldados de la Libertad, que mandaron a blancos y negros. Ha tenido y tiene artistas eminentes: Brindis de Salas, Jiménez, White; no han sido rapsodas de cantos africanos, sino intérpretes acabados de las más exquisitas composiciones de los músicos más preclaros. Ha tenido poetas inspirados; ni la técnica ni la expresión del dulce Manzano y del grandioso y flexible Plácido, se apartan un momento de la de los vates insignes de su época. Y hoy mismo, la juventud laboriosa de la clase de color, que se abre paso gallardamente en el mundo del saber, se mueve en el campo del Derecho, de la Filosofía y de la Ciencia en sus varios aspectos, obedeciendo exactamente a las mismas influencias que pesan sobre la juventud blanca estudiosa; demostrando así, con prueba inequívoca, que, en cuanto le concierne, el negro cubano no se siente ni se sabe negro; que solo tiene conciencia exacta de que es un hombre como los demás, con idénticos sentimientos, con idénticas obligaciones, y con idénticos derechos, por tanto, de los que corresponden a sus coterráneos de la clase blanca.

Los que investiguen en lo porvenir la situación actual de los elementos cubanos de color, señalarán cierta falta de originalidad en sus concepciones, en sus ideas y en sus actividades. Las doctrinas jurídicas y filosóficas de los jóvenes de color, son las mismas que profesan los jóvenes blancos, formadas, como aquellos, en la escuela de los González Lanuza, los Cueto, los Bustamante, los Varona, los Cuevas Zequeiras. Los métodos y principios profesionales de los galenos de color, no se diferencian de los de los galenos blancos que se inspiran en las enseñanzas de los Tamayo, los Eusebio Hernández, los Varela Zequeira, los Grande Rossi, los Aballí. Regino Botti y Poveda, tienen el mismo aire de familia que Agustín Acosta y Montagú: los dos poetas de color, escalan el mismo monte Parnaso que su-

(CUATRO)

ben los dos vates blancos, y beben en la misma fuente: en la de Castalia. Lamente quien quiera, pero no lo lamentamos nosotros, que Poveda y Botti no escalen el monte africano de Kilina ni beban en las aguas del Inalaba: lo que padece la originalidad está mas que compensado por lo que gana la conveniencia de la patria, que es tanto mas vigorosa y próspera, cuanto mayor resulte la unidad de inclinaciones, de gustos y de tendencias, y, sobre todo, de sentimientos entre sus hijos.

↑
+ +

Expuesto lo que somos y lo que sentimos, será fácil colegir lo que podemos y debemos anhelar en el momento histórico que vivimos. Queremos sencillamente continuar en la senda emprendida, hasta llegar a la meta, siguiendo los propios métodos y observando la propia conducta que nos ha hecho ser, hasta aquí, factores esenciales en el desenvolvimiento progresista de nuestro país. Y queremos que, como hasta aquí, nuestros compatriotas blancos, no solo nos faciliten el logro de nuestro empeño, sino que, como hasta aquí también lo han venido haciendo los que con derecho legítimo, dirigen en primer término la marcha ascendente de la Sociedad cubana, se comprenda y se diga claramente que la cooperación del negro en la obra del progreso cubano es conveniente y necesaria, al extremo de que desdeñarla, sería una torpeza, y rechazarla, un crimen.

Queremos que a cada grado de adelanto que alcanzamos corresponda un grado también de consideración y de respeto por parte de nuestros coterráneos, hácia la fracción social a que pertenecemos.

Queremos, en una palabra, que se haga justicia a nuestra labor regeneradora, a nuestra elevación de ideas, a nuestras ansias inacabables de mejoramiento y a nuestra devoción sin límites por la ventura de nuestra tierra.

Y como queremos eso, que es noble, yvque estimamos merecer, rechazamos, sin ira, y hasta sin amargura, pero con firmeza, toda insinuación denigrante, toda sospecha depresiva, toda duda injuriosa respecto a nuestra actitud en relación con los actos de salvajismo que puedan cometerse, sea cualquiera el color del que los cometa. Entendemos que nos asiste el derecho de ser considerados como hombres civilizados y nó como bárbaros. Pretendemos que tenemos el derecho de no ser interpelados, cuando no se interpela a ningún hombre culto de raza blanca. Como sentimos, pensamos y obramos al igual que los buenos, rechazamos enérgicamente toda confusión que se intente hacernos con los malos.

Eso es todo; y eso es bastante para explicar nuestra actitud ante los hechos acaecidos en Regla y en Matanzas. De ellos nos hemos enterado con la propia pena y el propio dolor con que hayan podido enterarse los mejores cubanos. Con ansias infinitas hemos seguido su triste desarrollo, procurando dar con la verdad de lo sucedido, que, honradamente, declaramos no haber encontrado todavía, como declaran no haberlo encontrado espíritus esclarecidos y conciencias rectas de la raza blanca. Las acusaciones nos han causado sorpresa, y los castigos, espanto.

Si: nos hay sorprendido que después de veinte años de emancipación, de enseñanza obligatoria, de libertad, de igualdad en los derechos, de fraternidad en la vida colectiva, se registren crímenes que no se cometieron nunca en varios siglos de esclavitud, de separación profunda entre las razas, de gerarquías entre las clases, y de ignorancia y oscurantismo. De tal modo que si lo aseverado fuera cierto, nó con la lógica de un marabú, de un fetichista o de un brujo africano, sino con la lógica de los filósofos caucásicos más eminentes, la de un Descartes, un Spinoza o un Leibnitz, por ejemplo, cabría pensar que la Escuela no mejora y que la instrucción hace retroceder, en vez

(CINCO)

de avanzar. Por fortuna, aún no ^{ha} llegado la hora de aceptar esa triste deducción; porque es lo cierto que cabe dudar lo mismo del conato de secuestro de Regla que del canibalismo de Matanzas. Nada se ha puesto en claro, a nuestro juicio. La Iglesia católica ha canonizado un santo →Tomás- que para creer necesitaba ver. Nosotros, que ~~seremos~~ no somos más que hombres honrados, nos resistimos a creer en la realización de hechos que no han sido debidamente probados, y que por lo mismo que son repulsivos y monstruosos, el corazón, por noble instinto, rechaza como ciertos y hasta como posibles, hasta que la prueba indubitable de su existencia le hace caer abatido y acongojado.

Y nos han espantado los castigos, porque no se avienen, ni en la forma ni en la esencia, con los principios de nuestra civilización. Aun en el supuesto de que el linchado de Regla y los acribillados a balazos de San Severino hubieran sido culpables de las atrocidades que se les achacan no es así como procedía castigarlos. Un historiador ilustre lo ha dicho: "Las represalias sangrientas, al igual que los crímenes que las provocan, pertenecen al dominio de la barbarie". Y Cuba, la que tanto amamos, no debe ser asilo de bárbaros: ni de bárbaros caníbales, ni de bárbaros linchadores. Cuba es tierra de libertad y debe en ella imperar la justicia, la justicia fría, serena, aplicada sin debilidad y distribuida sin pasión, para que con sus fallos corrija, en vez de vengar, y con sus sentencias tranquilice a la Sociedad, en vez de alarmarla y excitarla, como han alarmado y agitado el linchamiento de Regla y los fusilamientos de Matanzas.

Creemos haber puntualizado con las manifestaciones estampadas la posición en que estamos colocados, como elementos representativos de una gran parte de nuestro pueblo. Pero nuestra actitud no sería completamente definida si callásemos lo que esperamos de la acción conjunta de todos los factores sociales cubanos. Por dolorosos y horribles que hayan sido los sucesos a que nos hemos referido, no nos han hecho perder la confianza que abrigamos en los destinos brillantes de la patria. Ni un solo momento hemos desesperado de su porvenir risueño y de su grandeza moral. Tenemos fé absoluta en su marcha ascendente a la cima en que brilla esplendorosa la razón.-

Nuestra confianza nace de lo que hemos sido en el ayer, y de lo que somos, hasta ahora, unos y otros. Si es justo reconocer que el negro cubano ha sido y es bueno, también es de justicia afirmar que el blanco cubano ha sido y es de los mejores que ha producido el hemisferio occidental. -El blanco norte americano pudo vivir muchos años siendo él libre, y manteniendo en esclavitud a millones de negros, hasta que la voz austera del inmortal Lincoln proclamó la verdad inconcusa de que "un pueblo no puede ser mitad libre y mitad esclavo!- El blanco de la colonia francesa de Santo Domingo quiso disfrutar de todas las conquistas de la Gran Revolución del 89, y tener a la vez esclavos. Ambas inconsecuencias trajeron, para los colonos franceses, la pérdida de la colonia de Santo Domingo, y para los Estados Unidos, la más larga, sangrienta y destructora guerra civil.-

Los cubanos de raza blanca han procedido de modo diferente. Desde Luz Caballero y Heredia, hasta Céspedes, Aguilera y Martí, sus pensadores, sus poetas, sus propagandistas y sus hombres de acción, encarnando el ideal de la justicia más alta, han labrado y luchado por la libertad para todos, blancos y negros. La Revolución cubana guerreó sin reconocer esclavos en sus filas, y la República se fundó como régimen de igualdad y de democracia. ¿Como, en estas condiciones, no tener fé inquebrantable en los sentimientos de equidad y en la elevación de alma de nuestros compatriotas blancos, cuyos dolores fueron los nuestros, cuyas virtudes patrióticas reconocimos y compartimos, y que han estado acostumbrados a contar con nosotros en todas las trances de nuestra vida colectiva?.

(SEIS)

Ellos y nosotros hemos formado, hasta ahora, en las grandes cuestiones de la patria, un conglomerado indestructible. Ellos y nosotros hemos realizado juntos grandes hazañas, lo mismo que hemos experimentado juntos indecibles angustias en las horas de lucha contra el despotismo. Ellos y nosotros nos forjamos un ideal común en los días ya lejanos de la colonia: la creación de la patria independiente. Ellos y nosotros tenemos la propia obligación: la de mantenernos cordial, fraternalmente unidos, para consolidar esa independencia con tanto sacrificio, tantas lágrimas y tanta sangre conquistada.

Y la verdad es que al punto a que hemos llegado, apenas se comprende que nos apellidemos blancos y negros, cuando en realidad no somos más que cubanos. Si ellos, los blancos, se separaron de sus progenitores españoles para consagrarse a Cuba, nosotros olvidamos a nuestros ascendientes africanos, para servir, para amar también a Cuba. ¿Que lazo puede unir mas fuertemente a hombres bien nacidos que el de la igualdad del ideal profesado, la comunidad del esfuerzo para alcanzarlo y la identidad del deber para mantenerlo incólume? -¿Que valen ni significan ante estos grandes hechos y estas sagradas obligaciones, diferencias étnicas, a veces borrosas o ténues, que la razón rechaza y la ciencia condena?...

Estos son los fundamentos primordiales de nuestra confianza. A ello hay que agregar la consideración de que no es posible que ante un brote de pasiones malsanas como el que hemos visto manifestarse en estos días, en el que se ha querido por algunos lanzar la sospecha sobre el elemento de color en general, y formular contra una raza que ha sido siempre meritoria, amenazas más o menos veladas; no es posible, repetimos, que no se despierten la atención de los encargados de velar por el reposo público, que es el de todos los ciudadanos, cualquiera que sea el color de su piel, y se esfuercen en poner coto a campañas desastrosas para el país entero. Ciertamente que debe tranquilizarse a las familias blancas que manifiesten temor ante las fechorías de los bru-jos; pero cierto también que no debe llevarse la inquietud a las familias de color, molestando a correctos y pacíficos miembros de ellas, con pretextos fútiles. Ciertamente que hay que aplicar el rigor de las leyes a todos los que delinquen, y que ese rigor debe ser extremo contra los que aparezcan culpables de atentados odiosos que no se conciben en una Sociedad medianamente civilizada; pero cierto también que solo en la fiel observancia de los preceptos legales está el remedio del mal, por horripilante que sea el carácter que revista. El linchamiento, crimen de muchos, que pretende castigar el crimen de uno solo, no alivia la enfermedad sino la agrava; no sana la llaga que pueda aparecer en una parte del cuerpo social, sino la extiende por todo él, contaminando órganos esenciales para la vida.-

Nuestro Código penal está ahí para señalar la pena que merezcan los delitos; nuestros Tribunales ahí están para imponer castigos a los delincuentes, y nuestras Autoridades ejecutivas para hacerlas cumplir. Nadie tiene derecho a sustituirse al Código, a los Tribunales y al Poder Público, sobre todo en una democracia donde los poderes arrancan del sufragio popular.-

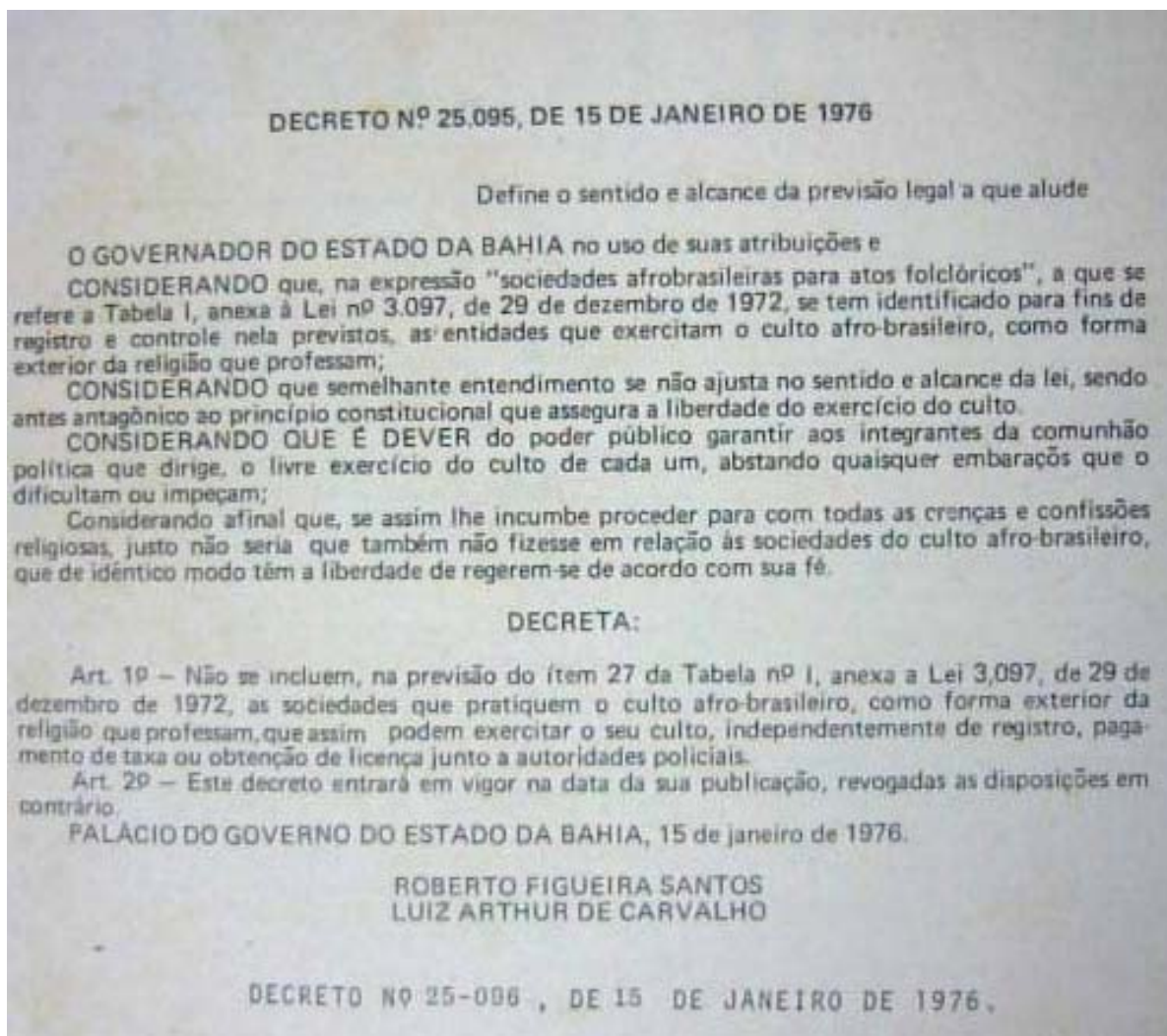
Cuantos permanezcan fieles al noble espíritu revolucionario han de estimar, por todo esto, justificada nuestra actitud y cooperar a que el respeto mutuo y la confraternidad sean la norma constante de nuestra existencia. Y a la cabeza de cuantos laboran para conseguir esa patriótica finalidad, parécenos a nosotros que hemos de ver al Jefe del Estado, no solo porque es el primer Magistrado de la República, guardian de la Ley, sino porque, valeroso Soldado de la Revolución, vertió su sangre por sus principios en los campos de batalla, y tiene que anhelar que prevalezcan en la vida nacional.-

Habana, Julio de 1919.

ES COPIA:



Fac-símile do decreto nº. 25095, que consta no Diário Oficial do Estado da Bahia, edição nº. 3148, ano XLVIII, de 15 de janeiro de 1976, na página 2 da seção Atos do poder executivo:



Fac-símile dos termos da Fundamentação Jurídica do Código de Ética das religiões afro-brasileiras, arquivada na Federação Nacional do Culto Afro Brasileiro (FENACAB):

Art. 25 – Fundamentação Jurídica do Código de Ética.
Conteúdo normativo dos dispositivos citados.

- Constituição Federal – art . 5º, incisi VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção dos locais de culto e suas liturgias; inciso XLI – a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais; e inciso XLII – a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos as lei;
- Constituição Federal – art. 215 – O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Parágrafo Primeiro – O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das dos outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.
- Constituição Federal – art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;



17443074/003
FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO-BRASILEIRO
ALFREDO BRITO
PELOURINHO - CEP. 40025-000
SALVADOR - BA

No âmbito internacional – art. XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos; arts. 18 e 20 do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos; arts. 1º, caput, e 5º d, “vii”, da Convenção Internacional sobre a eliminação de todas as formas de Discriminação Racial.

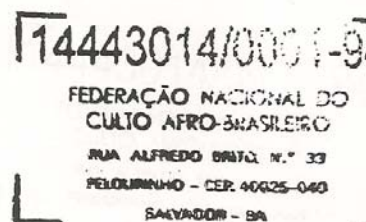
À luz de acontecimentos mais recentes, alertamos, ainda, as autoridades e o povo para o perigo que o fanatismo desgovernado pode representar para o nosso patrimônio artístico histórico e cultural, através da destruição de obras de arte de valor inestimável, “ídeos, bonecos, representações do demônio” na visão dos mais simplórios.

Lembramos que estes “objetos demoníacos” podem Ter saído das abençoadas mãos de um Francisco Chagas, *a Cobra*, ou de um Antônio Francisco Lisboa, *o Aleijadinho*.

Assumimos total solidariedade para com os ultrajados e conclamamos aqueles que acreditam na justiça e na igualdade de direitos para todos, sem distinção de raça, cor ou credo religioso, a fazer o mesmo, em grupo ou como indivíduos.

➤ Lei 7.716 (Lei Caó) – que define os crimes de preconceito de raça ou de cor – com as alterações introduzidas pela Lei 9.459 art 10. – Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (combinado com) art. 20 – Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena – reclusão de um a três anos e multa. Parágrafo 2º - se qualquer dos crimes previstos no caput é cometido por intermedio dos meios de comunicação social ou publicação de qualquer natureza: Pena – reclusão de dois a cinco anos e multa. Parágrafo 3º - No caso do paragrafo anterior, o juiz poderá determinar, ouvido o Ministério Público ou a pedido deste, ainda antes do inquérito policial, sob pena de desobediência: I – o recolhimento imediato ou a busca e apreensão dos exemplares do material respectivo; II - a cessação das respectivas transmissões radiofônicas ou televisivas.

Constituição do Estado da Bahia – art. 275 – É dever do estado preservar e garantir a integridade, a respeitabilidade e a permanencia dos valores da religião afro-brasileira e especialmente:



1. Inventariar, restaurar e proteger os documentos, obras e outros bens de valor artístico e cultural, os monumentos, mananciais, flora e sítios arqueológicos vinculados à religião afro-brasileira, cuja identificação caberá aos terreiros e à Federação do Culto Afro-Brasileiro;
 2. Proibir aos órgãos encarregados da promoção turística, vinculados ao Estado, a exposição, exploração comercial, veiculação, titulação ou procedimento prejudicial aos símbolos, expressões, músicas, danças, instrumentos, adereços, vestuários e culinária, estritamente vinculados à religião afro-brasileira;
 3. Assegurar a participação proporcional de representantes da religião afro-brasileira, ao lado da representação das demais religiões, em comissões, conselhos e órgãos que venham a ser criados, bem como em eventos e promoções de caráter religioso;
 4. Promover a adequação dos programas de ensino das disciplinas de geografia, história, comunicação e expressão, estudos sociais e educação artística à realidade histórica afro-brasileira, nos estabelecimentos estaduais de 1°, 2° e 3° graus.
- Constituição do Estado da Bahia – art. 286 – A sociedade baiana é cultural e historicamente marcada pela presença da comunidade afro-brasileira, constituída a prática do racismo crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da Constituição Federal.
 - Lei Orgânica do Município do Salvador – art. 1° - O Município de Salvador, Capital do Estado da Bahia, reger-se-á por esta Lei Orgânica e pelas Leis que adotar, respeitados os princípios constitucionais.

Parágrafo único – Ninguém será discriminado, prejudicado ou privilegiado em razão de nascimento, idade, etnia, raça, cor, sexo, estado civil, orientação sexual, atividade profissional, religião, convicção política, filosófica, deficiência física, mental, sensorial, aparência pessoal, ou qualquer singularidade ou condição social, ou ainda por Ter cumprido pena.

Declaração Universal dos Direitos Humanos – art. XVIII – Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião;



FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO BRASILEIRO
 Aristides Oliveira
 DIRETOR PRESIDENTE

174443014/0001-041
 FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO-BRASILEIRO
 RUA ALFREDO SARTO, N.º 10
 BELURRINHO - CEP 40125-040
 SALVADOR - BA

este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

- Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos – art. 18 – 1. Toda pessoa terá direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Esse direito implicará a liberdade de Ter ou adotar uma religião ou crença de sua escolha e a liberdade de professar sua religião ou crença, individual ou coletivamente, tanto pública como - privadamente, por meio do culto, da celebração de ritos, de práticas e de ensino. 2. Ninguém poderá ser submetido a medidas coercitivas que possam restringir sua liberdade de Ter ou de adotar uma religião ou crença de sua escolha. 3. A liberdade de manifestar a própria religião ou crença estará sujeita apenas às limitações previstas em lei e que se façam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral pública ou os direitos e as liberdades das demais pessoas.
- Pacto Internacional dos Direitos Humanos – art. 20 – (...) 2. Será proibida por lei qualquer apologia ao ódio nacional, racial ou religioso, que contitua incitamento à discriminação, à hostilidade ou à violência.
- Convenção Internacional Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial.; ar. 1º, caput, - Para os fins da presente Convenção “discriminação racial” significará toda distinção, exclusão, restrição ou preferencia baseada em raça, cor, descendencia ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto ou resultado anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em um mesmo plano (em igualdade de condição) de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública.
- Convenção Internacional Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial – art. 5º - Em conformidade com as obrigações fundamentais enunciadas no artigo 2º, os Estados-partes comprometem-se a proibir e a eliminar a discriminação racial em todas as suas formas e a garantir o direito de cada um à igualdade perante a lei, sem distinção de raça, de cor ou de origem nacional ou étnica principalmente no gozo dos seguintes direitos: (...) d, “vii” – à liberdade de pensamento, de consciência e de religião;

Em Teste
MARCIA LUCIA BERTINI DE SOUZA E SOUZA SUI

REPUBLICA DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA
SECRETARIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTESANATO
SECRETARIA DE DOCUMENTAÇÃO E BIBLIOTECA

RECEBIMENTO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS - 1º OFÍCIO
SAO PAULO - BAHIA
RECEBIDO EM 20/08/2001

126685

FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO-BRASILEIRO
Arquiteto: [Assinatura]
[Assinatura]

14443014/0001-94

FEDERAÇÃO NACIONAL DO CULTO AFRO-BRASILEIRO
RUA ALFREDO PRATO, N.º 39
PELOURINHO - CEP. 40625-040
SALVADOR - BA

Fac-símile do formulário de solicitação de permissão para cerimônias rituais das expressões religiosas de origem africana, que devia ser remetido ao Chefe da Unidade Municipal PRN das cidades cubanas:

SOLICITUD DE PERMISO
PARA ACTIVIDADES :

FECHA: _____
 AÑO DE _____

Al: Jefe Unidad Municipal PNR de _____

AST: Solicitud de permiso para actividades

Por este medio, yo _____ Carné de Identidad No. _____
 que laboro en _____ sito (a) en _____
 solicito de usted me sea concedido autorización para celebrar _____
 el día _____ desde las _____
 hasta las _____ horas en el domicilio sito en calle _____
 entre _____ y _____ municipio _____
 con motivo de : _____

con una asistencia aproximada de: _____ personas.

 FIRMA DEL SOLICITANTE

Para llenar sólo por la Unidad PNR.

A QUIEN PUEDA INTERESAR:

Se hace saber que ha sido autorizada la celebración de una actividad con motivo de _____ que se efectuará el día _____ de _____ de _____, en el domicilio sito en calle _____ entre _____ y _____ municipio _____, desde las _____ hasta las _____ horas, con una asistencia aproximada de _____ personas.

Se significa que _____ responsable de la actividad que se desarrolla en ese lugar, garantizará que en el mismo no ocurran alteraciones del orden público, ni cualquier otra actividad que lesione la integridad física de cualquier persona o dade los bienes.

En caso de necesidad llamar al teléfono _____ de la Unidad de la PNR.

 FIRMA DEL JEFE UNIDAD PNR Y
 CUSO.

FECHA: _____

Cópia da Resolução nº 2/87, disponível em <http://www.cnpc.cult.cu>

BIENES QUE PERTENECIERON A ARCADIO CALVO ESPINOSA

RESOLUCIÓN NO. 2/87

POR CUANTO: El Decreto No. 118 del Consejo de Ministros, que aprueba el Reglamento para la Ejecución de la Ley No. 1 de la Protección al Patrimonio Cultural, establece en su capítulo 1, artículo 2, que, "El Ministerio de Cultura precisará y declarará a través de su Dirección de Patrimonio Cultural, los bienes que deben formar parte del Patrimonio Cultural de la Nación, los cuales estarán sujetos a los preceptos de la Ley de Protección al Patrimonio Cultural y del presente Reglamento".

POR CUANTO: "En el mencionado Reglamento, en su Capítulo I, Artículo 1, se relaciona todo aquello que forma parte del Patrimonio Cultural de la Nación, entre ellos el inciso e), que dice: "los objetos y documentos etnológicos y folklóricos"; y el inciso j), "los objetos etnográficos e instrumentos musicales."

POR CUANTO: La colección de objetos y utensilios relacionados con las ceremonias religiosas de los cultos afrocubanos, que utilizara hasta su muerte el ciudadano Arcadio Calvo Espinosa en las prácticas rituales que realizaba en Guanabacoa, conforman un conjunto de altos valores etnográficos y folklóricos que debe conservarse en toda su integridad, por constituir evidencias inapreciables de nuestra identidad cultural.

POR TANTO: En uso de las facultades que me están conferidas

RESUELVO:

PRIMERO: Declarar Patrimonio Cultural de la Nación los bienes que pertenecieron a Arcadio Calvo Espinosa, los cuales conforman una importante colección de objetos y utensilios relacionados con los ritos religiosos de los cultos afrocubanos.

SEGUNDO: Que el Registro Nacional de Bienes Culturales de la República de Cuba, dirija y ejecute la inscripción de los mencionados bienes según expresa el Capítulo III, Artículo 7, inciso a) del Reglamento a que se refiere al primer **POR CUANTO**.

Notifíquese esta Resolución al Partido y Gobierno de la Provincia de Ciudad de la Habana y del Municipio de Guanabacoa, a los Viceministros de Cultura, al Registro Nacional de Bienes Culturales y a cuantas personas naturales o jurídicas corresponda.

Dada en la Ciudad de La Habana a los veintiséis días del mes de marzo de mil novecientos ochenta y siete, "Año 29 de la Revolución".

Marta Arjona Pérez

**Dirección Patrimonio Cultural
Ministerio de Cultura**

Fac-símile dos Estatutos da Federação Bahiana do Culto Afro-Brasileiro, publicados no Diário Oficial da Bahia em 10 de março de 1948, página 2332:

